

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



FACULDADE
DE LETRAS
UNIVERSIDADE
DE LISBOA

**Conselhos sobre Segurança Antiterrorismo para Estádios e
Anfiteatros: tradução e análise**

**Relatório do estágio realizado no Instituto Superior de
Ciências Policiais e Segurança Interna**

Joana Catarina Jesus Guilherme

MESTRADO EM TRADUÇÃO

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



FACULDADE
DE LETRAS
UNIVERSIDADE
DE LISBOA

**Conselhos sobre Segurança Antiterrorismo para Estádios e
Anfiteatros: tradução e análise**

**Relatório do estágio realizado no Instituto Superior de
Ciências Policiais e Segurança Interna**

Joana Catarina Jesus Guilherme

Orientadora: Professora Doutora Anabela Gonçalves

MESTRADO EM TRADUÇÃO

2014

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos os que me apoiaram e ajudaram na realização deste relatório:

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Doutora Clotilde por me ter dado a oportunidade de estagiar no ISCPSI e por me ter ajudado sempre que tive dificuldades durante o mestrado.

À Professora Doutora Anabela Gonçalves, por me ter orientado na elaboração do relatório de estágio e cuja disponibilidade foi fundamental para a conclusão do mesmo.

À doutora Cristina Reis, pela orientação do estágio no ISCPSI.

Aos meus pais, que me apoiaram incondicionalmente em todo o percurso académico e que sempre me deram força para continuar.

Aos meus amigos, em especial à Leonor, por me darem a paciência necessária para a conclusão deste relatório.

Resumo

Este relatório de estágio tem como objectivo a descrição e análise do trabalho de tradução de manuais de segurança, que foi realizado no Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI), em Lisboa, no âmbito do estágio do Mestrado em Tradução. Em particular, para além da tradução propriamente dita de um dos manuais, reflecte-se sobre alguns problemas que surgiram e a forma como os mesmos foram solucionados.

O relatório está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo é dedicado à caracterização do estágio, nomeadamente à forma como o mesmo decorreu, bem como à apresentação da entidade de acolhimento e dos textos traduzidos.

No segundo capítulo, apresento aquilo que é a tradução sob a perspectiva de vários autores, focando-me na teoria do *skopos*, na teoria da equivalência e na teoria funcionalista.

No terceiro e último capítulo deste relatório, apresento e analiso algumas questões que surgiram durante a realização da tradução, nomeadamente de origem lexical e sintáctica. Estas questões são sempre ilustradas com exemplos retirados das traduções, acompanhados da justificação da tradução.

Palavras-chave: tradução, tradução técnica, tipologia textual, léxico, sintaxe,

Abstract

This report aims at describing and analyzing the work developed during the internship held at Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, in Lisbon, in the context of the MA in translation. Besides the translation of one manual on safety, we present some problems that have arisen during the work and discuss some strategies to solve them.

This report is divided into three chapters. The first chapter is devoted to the internship's characterization, namely how it went along, the host entity, and the translated texts.

The second chapter presents a general discussion on translation, focusing on the skopos theory, the theory of equivalence and the functionalist theory.

In the third and final chapter of this report, I analyze some issues that came across during the translation work, with special reference to lexical and syntactic questions. These issues are always illustrated with examples collected from the translated texts along with the justification of my translation choices.

Keywords: translation, technical translation, text typology, lexic, syntax,

Índice

Introdução, 15

Capítulo I: Considerações gerais sobre o estágio,17

1.Caracterização do estágio,17

1.1. Entidade de acolhimento,18

1.2. Descrição do estágio,18

1.3. Os textos traduzidos,19

1.3.1. Texto I,19

1.3.2. Texto II,20

Capítulo II: A tradução,23

2. Uma visão sobre a tradução,23

2.1. Vermeer e a teoria do *skopos*,23

2.2. A teoria da equivalência de Nida,24

2.3. A teoria funcionalista de Nord,26

2.4. Baker e o problema da não equivalência,27

3. A tradução técnica, 36

3.1. Características gerais da tradução técnica,37

3.2. O papel do tradutor técnico,40

3.3. Tipos de textos técnicos,43

4. Tipologia textual,45

4.1. O modelo de Reiss,46

4.2. O modelo de Werlich,48

4.3. O modelo de Adam,50

4.4. Os tipos de textos traduzidos,52

Capítulo III: Análise da tradução, 55

5. Questões lexicais,56

- 5.1. O léxico especializado,56
 - 5.1.1. A terminologia,57
 - 5.1.2. Siglas e Acrónimos,61
 - 5.1.3. Designações de cargos,63
- 5.2. O léxico não especializado,65
 - 5.2.1. As formas de tratamento,65
 - 5.2.1.1. O pronome *you*,66
 - 5.2.1.2. O pronome *your*,68
 - 5.2.2. Casos de sinonímia,70
 - 5.2.3. A perífrase como estratégia de tradução de léxico
não especializado,72
 - 5.2.4. Palavras polissémicas,74
- 5.3. Falsos amigos,76
- 5.4. Empréstimos,77
- 5.5. Colocações,80
- 5.6. Verbos modais,82
- 6. Questões sintáticas,87
 - 6.1. Verbos leves,87
 - 6.2. O sintagma nominal,89
 - 6.2.1. Especificadores,90
 - 6.2.1.1. Quantificadores,90
 - 6.2.1.2. Artigos,92
 - 6.2.2. Modificadores,95
 - 6.2.2.1. Frases relativas,95
 - 6.2.2.2. Outros modificadores,97
 - 6.3. O pronome neutro *it*,99

7. A coesão referencial,100

Conclusão,103

Bibliografia,105

Anexos, 109

Introdução

O presente relatório tem como objectivo descrever e discutir o trabalho efectuado ao longo do estágio integrado no Mestrado em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que se realizou no Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI) entre Outubro de 2013 e Maio de 2014. Assim, descrevem-se as actividades realizadas no estágio, em particular, os problemas e dificuldades que surgiram, apresentando-se as propostas para a sua resolução.

Após finalizar o primeiro ano do Mestrado, comecei a ponderar se deveria fazer um estágio, uma tese ou um trabalho de projecto. Rapidamente me decidi pelo primeiro, uma vez que iria ter uma componente bastante prática que me poderia abrir portas para projectos futuros, no que diz respeito ao mercado de trabalho. Além disso, ao realizar o relatório de estágio, poderia pôr em prática os conhecimentos adquiridos no primeiro ano do mestrado, compreender como funciona o trabalho do tradutor, mas, acima de tudo, contribuir para a tradução de textos em contexto profissional, dando, assim, os primeiros passos na carreira de tradutora.

O estágio realizado no ISCPSI deu-me a oportunidade de conhecer esta instituição e de saber como funciona, mas, acima de tudo, deu-me a possibilidade de trabalhar como tradutora e de ganhar experiência na área. Um dos aspectos mais positivos deste estágio foi o facto de poder estar em contacto directo com uma linguagem de carácter técnico e tentar encontrar as melhores soluções de tradução na língua de chegada. Pude, através do mesmo, descobrir recursos linguísticos que desconhecia (*Webster*, *Linguee* ou *IATE*) e que me ajudaram a realizar algumas traduções. Um outro aspecto que se mostrou desafiante no decorrer do presente estágio foi o de cumprir prazos de entrega das traduções: conseguir-se traduzir, ler e reler as traduções no tempo proposto é algo de grande importância na área da tradução, uma vez que o tradutor deve sempre cumprir o prazo previamente combinado com os seus clientes, o que nem sempre é fácil, dado o carácter de urgência que alguns trabalhos assumem.

Este relatório de estágio encontra-se dividido em três partes. A primeira parte remete para a informação relativa ao estágio, procedendo-se à apresentação da entidade de acolhimento e dos moldes em que o estágio decorreu, bem como dos textos traduzidos; a segunda parte apresenta questões teóricas relativamente à tradução em geral e ao texto técnico, por ser este o tipo de texto trabalhado no estágio; na terceira parte, são discutidos alguns problemas da tradução, que são divididos em conformidade com a sua natureza – lexical e sintáctica.

O presente relatório contém, ainda, um anexo onde consta a tradução do manual de segurança trabalhado ao longo do estágio.

CAPÍTULO UM: Considerações gerais sobre o estágio

Neste primeiro capítulo, pretendo fazer uma breve caracterização do estágio, no que diz respeito quer à entidade de acolhimento (o ISCPSI) quer ao próprio estágio. Apresento, ainda, os dois manuais de segurança que traduzi, com o objectivo de dar a conhecer o seu conteúdo e a sua importância no âmbito das actividades desenvolvidas na referida instituição.

1. Caracterização do estágio

1.1 Entidade de acolhimento

Fundado em 1979, o Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI) encontra-se localizado em Alcântara, no edifício do antigo Convento do Calvário, na Rua 1º de Maio, nº3.

O ISCPSI é um estabelecimento de ensino superior universitário público e tem como principal função a formação de Oficiais da Polícia de Segurança Pública de Portugal e de países de Língua Oficial Portuguesa.

Este instituto funciona apenas em regime de internato, sendo que os alunos vivem e estudam no instituto, onde usam uma farda e divisas próprias que os identificam como alunos da instituição e que dão informação sobre o ano que frequentam. Após a conclusão da licenciatura, o aluno do instituto obtém o grau de licenciado em Ciências Policiais e é graduado no posto de Subcomissário, que lhe permitirá ter a função de Comandante de Esquadra.

Ainda no que diz respeito à formação, o ISCPSI promove conferências para a formação de alunos, desenvolve seminários sobre temas relevantes para a formação de um Policia e oferece estágios de aperfeiçoamento e actualização para subcomissários, comissários e oficiais superiores.

1.2. Descrição do Estágio

O estágio profissionalizante que está na base do presente relatório decorreu na sede do ISCPSI, em Lisboa, entre Setembro de 2013 e Maio de 2014. De Setembro a Outubro de 2013 e de Janeiro a Maio de 2014, o horário de trabalho foi de dois dias por semana, das 9h30 às 12h30. De Novembro a Dezembro, foi de cinco dias por semana, das 9h30 às 12h30, embora este horário acabasse por ser flexível. Na totalidade, o estágio teve uma duração de 240 horas: de Setembro a Dezembro, foram feitas 120 horas e de Janeiro a Maio, as restantes 120 horas.

Durante o estágio, foram traduzidos dois manuais de segurança, de Inglês para Português. Os documentos para tradução foram retirados do site <http://nactso-dev.co.uk>, tendo-me sido facultados pela supervisora da entidade de acolhimento, a Dra. Cristina Reis.

Para a tradução dos dois manuais de segurança foram utilizados dicionários, em papel e *online*, a *Wikipedia*, com todos os cuidados que a sua consulta exige, bem como bases de dados *online*, tais como, o *Linguee*, o *EurLex* e o *IATE*, além de *corpora paralelos*, como os manuais de segurança traduzidos no âmbito de outros estágios também realizados no ISCPSI. Não foram utilizados quaisquer programas de tradução assistida por computador.

Semana após semana, era enviada uma tradução provisória do texto de partida, com cerca de sete a dez páginas, à Dra. Cristina Reis, para que esta pudesse ter uma noção da quantidade de texto traduzida por semana e também para que pudesse proceder às correcções necessárias. A supervisão da Dra. Cristina Reis permitiu-me esclarecer dúvidas sobre a tradução e discutir propostas alternativas, com o objectivo de melhorar não só o texto traduzido até então como evitar alguns problemas em trabalho futuro.

O primeiro documento a traduzir, intitulado *Counter Terrorism Protective Security Advice for Stadia and Arenas*, foi finalizado e revisto em Dezembro, tendo sido enviado, em Janeiro, à orientadora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), Prof^a Doutora Anabela Gonçalves, e à supervisora da entidade de acolhimento.

A tradução do segundo manual de segurança, intitulado *Counter Terrorism Protective Security Advice: For General Aviation v2*, foi iniciada em Janeiro de 2014 e finalizada em Maio de 2014. À semelhança do que aconteceu com a tradução do manual de segurança anterior, também neste caso enviei, todas as semanas, uma tradução do texto de partida, com três a dez páginas, à Dra. Cristina Reis, que acompanhava, desta forma, o processo de tradução e fazia as correcções necessárias. No caso de dúvidas, discutia-as com a Dra. Cristina Reis, para encontrar a melhor solução de tradução.

Na fase final das traduções de ambos os documentos, integrei todas as sugestões de tradução e correcções que me foram feitas. A versão final foi enviada quer à supervisora da entidade de acolhimento quer à orientadora da FLUL, para que a verificassem e me confirmassem que não se registavam problemas de tradução.

1.3. Os textos traduzidos

1.3.1. Texto I

O texto 1, intitulado *Counter Terrorism Protective Security Advice for Stadia and Arenas*, foi, como já referi, retirado do *site* <http://nactso-dev.co.uk>, do NaCTSO (The National Counter Terrorism Security Office). Esta entidade inglesa tem como principais objectivos a prevenção de ataques terroristas em locais com grande afluência de pessoas, como estádios, recintos desportivos, aeroportos, restaurantes, hotéis, entre outros. Neste *site*, encontra-se uma colecção de vários manuais de segurança (da qual fazem parte tanto este primeiro texto traduzido como o segundo) que apresentam algumas medidas de protecção e prevenção a ter no caso de se ser proprietário de um dos locais referidos.

O texto de partida em questão tem um total de 60 páginas, a que corresponderam 87 páginas no texto de chegada. Reúne todo um conjunto de informação que é do interesse dos proprietários de estádios e anfiteatros, uma

vez que zela pela protecção e segurança dos seus espaços. Este manual encontra-se dividido em dezoito secções. Da secção número um à secção número dezassete, o leitor encontra itens relativos a medidas de segurança que pode e deve tomar em casos de ameaça terrorista, ou simplesmente medidas de segurança que deve pôr em prática para que as suas propriedades se tornem seguras para o público visitante. A secção dezoito divide-se em sete apêndices, que se destinam igualmente aos proprietários de estádios/anfiteatros; são-lhes colocadas diversas questões sobre as medidas de segurança que possuem, se as possuem ou se se encontram num nível de segurança confortável.

Este é um texto técnico, que utiliza uma linguagem especializada adequada à comunicação entre especialistas em segurança e proprietários de espaços públicos de grandes dimensões. Tem um carácter essencialmente informativo.

1.3.2. Texto II

O segundo texto traduzido tem como título *Counter Terrorism Protective Securitive Advice: For General Aviation v2*. À semelhança do texto anterior, este manual foi retirado do *site* <http://nactso-dev.co.uk>.

O texto de partida tem um total de 70 páginas, a que corresponderam 90 páginas no texto de chegada. Reúne um conjunto de informação sobre as medidas de segurança e protecção que devem ser postas em prática nos aeródromos, bem como alertas sobre possíveis ataques que os proprietários desses espaços podem sofrer.

O manual de segurança encontra-se dividido em quatro partes, A a D. As partes A e B do manual apresentam medidas de segurança e alertas para proprietários e utilizadores de aeródromos. A parte C inclui apêndices onde constam tabelas de verificação de segurança; finalmente, a parte D lista contactos úteis e fornece informação relativa aos departamentos de segurança e centros de protecção anti-terrorista.

Tal como o texto I, o manual em causa nesta secção é de carácter essencialmente informativo, com elevada ocorrência de terminologia de especialidade, tendo como público-alvo especialistas nas áreas da segurança e prevenção de locais de grandes dimensões, bem como proprietários desses mesmos locais.

Ainda que tenham sido traduzidos na íntegra os dois manuais, este relatório incide apenas sobre o primeiro (Manual I). Esta opção decorre do facto de apenas esse manual ter sido objecto de revisão. Entendo, no entanto, que tal facto não é impeditivo da reflexão sobre problemas de tradução que surgiram durante o estágio.

CAPÍTULO DOIS: A tradução

Este capítulo assume uma vertente mais teórica, procedendo-se à apresentação de algumas questões relacionadas com o processo de tradução, que incluem uma reflexão sobre a importância do tipo de texto no referido processo. Na primeira parte do capítulo, proponho-me apresentar aspectos relacionados com a teoria da tradução, baseando-me na teoria do *skopos*, defendida por Vermeer e, posteriormente, desenvolvida por Nord, em oposição à teoria da equivalência, defendida por Nida e Baker.

Na segunda parte do capítulo, faço uma breve apresentação da tradução técnica, das características gerais que a constituem e apresento os tipos de textos técnicos bem como o papel do tradutor naquilo que é a tradução técnica.

Por fim, na terceira parte, apresento questões de tipologia textual, focando, nomeadamente, propostas de Reiss, Werlich e Adam. Finalizo o capítulo com uma reflexão sobre os tipos de textos traduzidos neste relatório.

2. Uma visão sobre tradução

2.1. Vermeer e a teoria do *skopos*

Na sua teoria do *skopos*, Vermeer (1986) *apud* Venuti (2000:227) sugere a tradução como uma acção: “Any form of translation action, including therefore translation itself, may be conceived as an action, as the name implies. Any action has an aim, a purpose (...) the word *skopos*, then, is a technical term for the aim or purpose of a translation” Venuti (2000:227). Assim sendo, Vermeer defende que traduzir é praticar uma acção, que irá resultar no texto de chegada ou *translatum*.

Segundo Vermeer, o objectivo de qualquer acção tradutória e a forma como a mesma será realizada são definidos pelo cliente que a encomenda.

Desta forma, o *skopos* (termo técnico que designa o objectivo ou propósito da tradução) e o modo de realização têm de ser definidos adequadamente para que o tradutor desempenhe a sua tarefa com êxito. Embora o *translatum* tenha a mesma função do texto de partida, ou seja, ofereça a mesma informação que este oferece, Vermeer afirma que não existe uma transcodificação no *translatum*. Efectivamente, para Vermeer, o *translatum* é orientado para a cultura de chegada e não para a cultura de partida, daí ser errado afirmar que se poderia tratar de uma simples transcodificação: “It goes without saying that a *translatum* may also have the same function (skopos) as its source text. Yet even in this case the translation process is not merely a «transcoding» (unless this translation variety is actually intended), since according to a uniform theory of translation a *translatum* of this kind is also primarily oriented methodologically, towards a target culture situation or situations. Trans-coding, as a procedure which is retrospectively oriented towards the source text, not prospectively towards the Target culture, is diametrically opposed to the theory of translational action.” (Venuti 2000:229)

De acordo com esta perspectiva de tradução, existe a possibilidade de o mesmo texto ser traduzido de diferentes formas, de acordo com o propósito do texto de chegada e da encomenda feita ao tradutor. Assim sendo, de maneira a que a acção de traduzir seja adequada a um determinado caso, todas as encomendas de traduções devem conter explícita ou implicitamente o *skopos* ou o propósito da tradução.

2.2. A teoria da equivalência de Nida

Nida (1964) propõe uma teoria de tradução baseada na equivalência. Tendo em conta que o principal problema da tradução reside no facto de todas as línguas serem diferentes, o tradutor enfrenta o problema de representar a mensagem do texto de partida no texto de chegada, devendo, por isso, preocupar-se em manter não só o conteúdo mas também a forma.

Na sua obra *Toward a science of translating*, de 1964, Nida apresenta dois métodos a que o tradutor pode recorrer com vista à produção de uma melhor tradução. Um dos métodos sugeridos por Nida denomina-se “equivalência formal.” Segundo o autor, o texto traduzido com base neste tipo de equivalência é constantemente comparado com o original, para se determinar o seu grau de exactidão. Este método de tradução permite que o leitor se identifique o máximo possível com o leitor do texto original. Uma tradução por equivalência formal tenta reproduzir alguns elementos formais, como, por exemplo, as unidades gramaticais. Desta forma, Nida (1964) sugere que se façam ajustes ao nível do significado de expressões idiomáticas, ou seja, todo o texto deve ser traduzido da forma mais literal possível, de maneira a que o leitor seja capaz de o compreender da mesma forma que o leitor do original.

Outro método de tradução proposto por Nida (1964) é conhecido como “equivalência dinâmica” e tem como objectivo fazer com que a tradução se adapte à cultura de chegada, para que o seu receptor possa entendê-la dentro do seu contexto cultural. O autor afirma que os tradutores que optam pela equivalência dinâmica são mais fiéis ao significado da mensagem do que os tradutores que optam pela equivalência formal.

Desta forma, considerando os dois métodos de tradução, Nida manifesta preferência pela adaptação à cultura, de forma a que o receptor a possa compreender dentro do seu contexto cultural, sem que exista a necessidade de conhecer aspectos da cultura de partida. O autor sugere, ainda, que o tradutor, ao optar pela equivalência dinâmica, torna a sua tradução mais coerente e mais perceptível para o leitor do texto de chegada. Já se o tradutor optar pela equivalência formal, pode ser demasiado fiel ao texto de partida, causando, assim, dificuldades de compreensão do texto de chegada.

2.3. A teoria funcionalista de Nord

Apoiada na teoria do *skopos* de Vermeer, Nord (1991) desenvolve a teoria do funcionalismo.

Segundo a autora, o texto representa apenas uma ferramenta de entre as muitas que existem para comunicar. Nord (1991) sublinha que só pode existir tradução se houver um texto de partida e um propósito para a tradução, ou seja, “ Translating is the production of a functional Target text maintaining a relationship with a given text that is specified according to the intended or demanded function of a Target text (translation *skopos*). Translation allows a communicative act to take place which because of existing linguistic and cultural barriers would not have been possible without it.” (Nord 1991:32)

Nord acredita, portanto, que deve existir uma relação entre o texto de partida e o texto de chegada e que essa relação deve ser determinada pelo *skopos*. A tradução dependerá, assim, da compatibilidade do texto de chegada com o *skopos* do texto de partida. A autora sugere, então, um modelo de análise textual em que destaca os problemas relevantes e as dificuldades encontradas no processo da tradução. Esse modelo é o que se apresenta na figura 1:

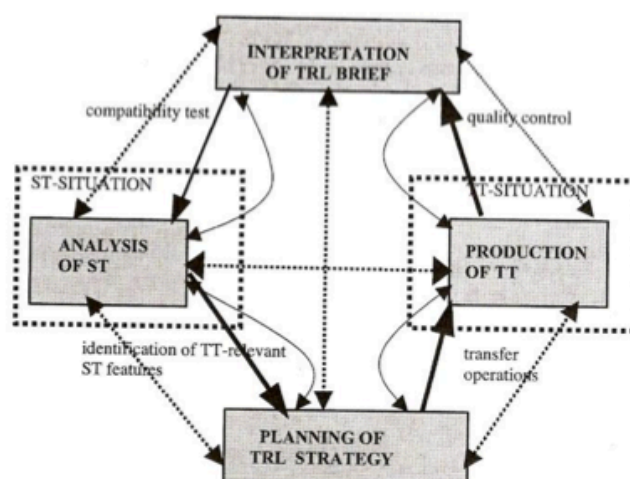


Fig.1 - O processo de tradução, Nord (1991:39)

Neste modelo, o processo de tradução pode ser dividido em três etapas:

1. Em primeiro lugar, o tradutor deve analisar e interpretar o *skopos* do texto de chegada, ou seja, deve analisar os factores que podem ser relevantes para que se cumpram os objectivos do texto de chegada.
2. Num segundo momento, o tradutor deve fazer uma análise do texto de partida. Ao fazê-la, o tradutor deve ter uma ideia geral sobre quão compatíveis são os dados oferecidos pelo texto de partida com os objectivos da tradução.
3. Por último, o tradutor deverá fazer a estruturação final do texto de chegada.

Ao propor este modelo, Nord (1991) considera, ainda, que os factores internos (conteúdo, essencialmente) e externos (emissor, receptor e meio) do texto de partida devem ser considerados. Todos estes factores são importantes, ou seja, ao traduzir um texto, o tradutor não deve prestar atenção apenas ao conteúdo do mesmo; pelo contrário, deve também dar importância ao seu *background*, isto é, ao que está para além do texto.

Ao apresentar a teoria funcionalista, Nord (1991) pretende que o processo de tradução se concentre sobretudo na atitude do tradutor. Sugere que deixe de ser posta em prática a teoria da equivalência de Nida (1964) e se comece a adoptar uma postura de lealdade ao texto de chegada através da qual o tradutor se concentra apenas no *skopos*.

2.4. Baker e o problema da não equivalência

Não adoptando a teoria do *skopos* de Vermeer e Nord, Baker (1992) sugere, como Nida, outro tipo de visão perante a tradução. Efectivamente, como Nida (1964), também Baker (1992) defende a teoria da equivalência na tradução e descreve os problemas que podem ser encontrados caso existam situações de não equivalência.

Assumindo a perspectiva da equivalência na tradução, a autora refere que: “The choice of a suitable equivalent in a given context depends on a wide variety of factors. Some of these factors may be strictly linguistic (...) other facts may be extra-linguistic” (Baker 1992:17). Dito de outra forma, o tradutor não pode abdicar de nenhum dos aspectos linguísticos e extra-linguísticos no momento em que está a traduzir, porque o conhecimento absoluto de ambos pode ser essencial para conseguir encontrar um equivalente na língua de chegada.

Podem, no entanto, ocorrer situações em que não exista uma palavra equivalente no texto de chegada e esse tipo de não equivalência pode acontecer em várias situações. Baker (1992) lista os seguintes casos de não equivalência:

- Conceitos culturais específicos: uma palavra de carácter cultural não tem um equivalente na língua de chegada.

Ex: “Speaker (of the House of Commons) has no equivalent in many languages, such as Russian, Chinese, Arabic among others. It is often translated into Russian as “Chairman”, which does not reflect the role of the speaker of the House of Commons as an independent person who maintains authority and order in Parliament.” (Baker 1992:21)

- O conceito da língua de partida não está lexicalizado na língua de chegada, ou seja, uma palavra da língua de partida não foi ainda lexicalizada na língua de chegada, embora o seu significado seja compreendido. (Baker 1992:21)

Ex: “The word *savoury* has no equivalent in many languages, although it expresses a concept which is easy to understand. The adjective *standard* also expresses a concept which is very accessible and readily understood by most people”. (Baker 1992:22)

- A palavra da língua de partida é semanticamente complexa: uma palavra na língua de partida tem um significado complexo, que não pode ser traduzido em apenas uma palavra na língua de chegada.

Ex: “An example of such a semantically complex word is *arruação*, a Brazilian word which means ‘clearing the ground under coffee trees of rubbish and piling in the middle of the row in order to aid in the recovery of beans dropped during harvesting’.” (Baker 1992:22)

- A língua de partida e de chegada são distintas no significado: uma palavra pode ter apenas um significado na língua de partida, mas, na língua de chegada, pode ter vários significados, que correspondem a várias palavras.

Ex:” For example, Indonesian makes a distinction between going out in the rain without the knowledge that it is raining (*kehujanan*) and going out in the rain with the knowledge that it is raining (*hujan-hujanan*). English does not make this distinction, with the result that if an English text referred to going out in the rain, the Indonesian translator may find it difficult to choose the right equivalent, unless the context makes it clear whether or not the person in question knew that it was raining.” (Baker 1992:23)

- Ausência, na língua de chegada, de um termo superordenado, problema que ocorre quando existem hiperónimos na língua de partida que não existem na língua de chegada.

Ex: “Russian has no ready equivalent for *facilities* (...) it does however, have several specific words and expressions which can be thought of as types of facilities.” (Baker 1992:23)

- Ausência, na língua de chegada, de um termo subordinado: na língua de chegada não existem hipónimos correspondentes aos da língua de partida.

Ex: “English has many hyponyms under *article* for which it is difficult to find precise equivalents in other languages, for example *feature, survey, report, critique, commentary, review*, and many more” (Baker 1992:23)

- Diferenças na perspectiva física e interpessoal, problema que remete para a localização física do indivíduo e para a forma como esta é expressa por pares de palavras, como: *come/go* ou *arrive/depart*

Ex” Japanese has six equivalents for *give*, depending on who gives to whom.” (Baker 1992: 23)

- Diferenças no significado expressivo: os significados proposicionais ou expressivos não são equivalentes no texto de partida e no texto de chegada.

Ex: “Words like *homosexuality* and *homosexual* provide good examples. *Homosexuality* is not an inherently pejorative word in English, although it is often used in this way.” (Baker 1992:24)

- Diferenças na forma: não existe uma forma na língua de chegada equivalente à da língua de partida, como no caso dos sufixos e prefixos.

Ex: “English has many couplets such as *employer/employee, trainer/trainee*, and *payer/payee*. It also makes frequent use of suffixes such as *-ish* (e.g. *boyish, hellish*) and *-able* (e.g. *conceivable, retrievable*). Arabic, for instance, has no ready mechanism for producing such forms and so they are often replaced by an appropriate paraphrase, depending on the meaning they convey.” (Baker 1992:25)

- Diferença na frequência e no propósito ao usar formas específicas: embora exista uma forma equivalente na língua de chegada, o seu uso e a sua frequência podem diferir dos da língua de partida.

Ex: “English, for instance, uses the continuous - *ing* form for binding clauses much more frequently than other languages which have equivalents for it, for example German and the Scandinavian languages. Consequently, rendering every -*ing* form in an English source text with an equivalent -*ing* form in a German, Danish, or Swedish target text would result in stilted, unnatural style. (Baker 1992:25)

- Uso de empréstimos no texto de partida: a ocorrência de certos empréstimos pode resultar bem no texto de partida, mas o mesmo não acontece na tradução. Isto acontece porque nem sempre existe um equivalente na língua de chegada que consiga manter o valor da palavra da língua de partida. Também acontece que, perante falsos amigos, o tradutor possa ficar confuso com a semelhança entre palavras do texto de partida e palavras do texto de chegada.

Ex: “*Dilettante* is a loan word in English, Russian, and Japanese; but Arabic has no equivalent loan word. This means that only the prepositional meaning of *dilettante* can be rendered into Arabic; its stylistic effect would almost certainly have to be sacrificed. (...) The average Japanese translator is not likely to confuse an English feminist with a Japanese *feminist* (*feminist* in Japanese is usually used to describe a man who is excessively soft with women). An inexperienced French or German translator may, however, confuse English *sensible* with German *sensibel* (meaning sensitive) or English *sympathetic* with French *sympathique*” (Baker 1992:26)

Embora estes problemas de não equivalência representem um problema para o tradutor, alguns autores sugerem estratégias de tradução para o resolver.

Como afirma Chesterman (1997:92), “if you are not satisfied with the target version that comes immediately to mind – because it seems

ungrammatical, or semantically odd, or pragmatically weak, or whatever – then change something in it.”

Centremo-nos, em particular, nas estratégias apresentadas também por Baker (1992)¹.

- *Traduzir por uma palavra comum*: esta estratégia consegue resolver vários problemas de não equivalência, uma vez que permite traduzir palavras específicas do texto de partida por palavras com o mesmo valor, mas menos específica e mais gerais, no texto de chegada.

”Source Text: Shampoo the hair with a mild WELLA-SHAMPOO and lightly towel dry.

Target Text: Lavar el cabelo con un champú suave de WELLA y frotar ligeiramente con una toalha.” (Baker 1992:27)

- *Traduzir por uma palavra mais neutra ou menos expressiva*: em certas situações, não se deve transferir a palavra com a conotação expressiva do texto de partida, já que a mesma pode ser desadequada para os leitores do texto de chegada:

“Source Text: (China’s Panda Reserves; see Appendix 3, no.5);

The panda is something of a zoological mystery.

Target text (back translated from Chinese)

The panda may be called a **riddle** in zoology

¹ Embora sejam vários os autores que propõem estratégias de tradução, foco apenas a proposta de Baker (1992), na medida em que foi este o trabalho que mais orientou as minhas opções de tradução.

² Ver Cruz (2012) para uma descrição mais completa sobre outros tipos de textos técnicos.

There is an equivalent for mystery in Chinese, but it is mostly associated with religion. The translator felt that it would be wrong to use it in a zoological context.” (Baker 1992:30)

- *Traduzir através de uma substituição cultural*: quando não exista um conceito cultural semelhante ao do texto de partida, o tradutor deve utilizar um semelhante no texto de chegada.

“Source Text (Italian – Gadda, ‘La cenere delle battaglie’)

Poi, siccome la serva di due piani sotto la sfringuellava al telefono coll’innamorato, assenti i padroni, si imbizzì: prese a pestare i piedi sacripantando «porca, porca, porca, porca...»: finché la non ismise, che non fu molto presto.

Target Text: (English: “The ash of battles past”)

Then, because the servant-girl two floor down was chattering at the telephone with her young man, her employers being away, he lost his temper: and began to stamp his feet, bellowing ‘**Bitch, bitch, bitch..**’ until she gave up, which was not very soon.

Porca is literally the female of *swine*. A translator’s footnote explains that the Italian word ‘when applied to a woman, . . . indicates unchastity, harlotry’ (Trevelyan, 1965: 196). *Bitch* represents a straightforward cultural substitute. Although the literal meanings of *porca* and *bitch* are different, both items are used chiefly for their expressive value. Their literal meanings are not relevant in this context.” (Baker 1992:33)

- *Traduzir através de um empréstimo ou através de um empréstimo acompanhado de uma nota explicativa*: quando utiliza um empréstimo, o tradutor deve colocar uma nota em que explique o seu significado;

“Source text (The *Patrick Collection*; see Appendix 4): Morning coffee and traditional cream teas are served in the conservatory. Target text (back-translated from Japanese): Morning coffee and traditional afternoon tea and cream cakes can be enjoyed in the **conservatory (green**

house).” (Baker 1992:36)

- *Tradução através de uma paráfrase, usando uma palavra relacionada:* esta estratégia é utilizada quando um conceito da língua de partida é lexicalizado na língua de chegada através de uma forma diferente, mas morfologicamente relacionada com a do texto de partida.

“Source Text: There is strong evidence, however, that giant pandas are related to the bears.

Target Text: (Back-translated from Chinese) But there are strong evidence that shows that big pandas **have a kinship relation** with the bears.” (Baker 1992:37)

- *Tradução através de uma paráfrase, usando uma palavra não relacionada:* esta estratégia é utilizada quando um conceito da língua de partida é lexicalizado na língua de chegada através de uma forma diferente, que não é morfologicamente relacionada com a do texto de partida.

“Source Text: If the personality and policy preferences of the Japanese emperor were not very relevant to pre war politics, social forces certainly were. There are two reasons for giving them only the most tangential treatment here.

Target Text(Back- translated from Japanese) ... There are two reasons for us not having this social power in this book except in a **very degree which is like touching slightly.**” (Baker 1992:38)

- *Tradução por omissão:* por muito drástica que esta estratégia possa parecer, a omissão pode beneficiar o texto de chegada, no sentido em que o leitor não lê informação desnecessária.

“Source text (China’ s *Panda Reserves*; see Appendix 3, no. 10): The panda’s mountain home is rich in plant life and gave us many of the trees, shrubs and herbs most prized in European gardens.

Target text (back-translated from Chinese): The mountain settlements of the panda have rich varieties of plants. There are many kinds of trees, shrubs and herbal plants that are precious and regarded by European gardens.

The source text addresses a European audience, and the use of *gave us* highlights its intended orientation. The Chinese translation addresses a different audience and therefore suppresses the orientation of the source text by omitting expressions which betray its original point of view.” (Baker 1992:41)

- *Tradução por ilustração*: a estratégia da ilustração pode ser útil em situações em que não exista equivalente na língua de chegada.

Ex:

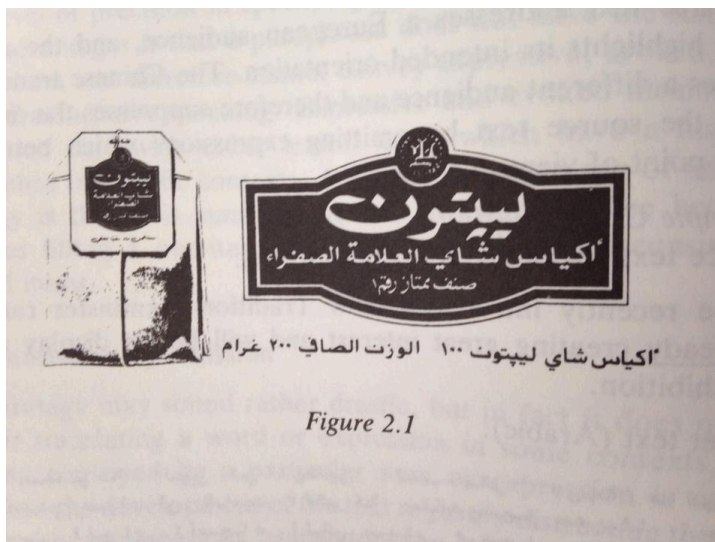


Figure 2.1

“Figure 2.1 appeared on a Lipton Yellow Label tea packet prepared for the Arab market. There is no easy way of translating *tagged*, as in *tagged teabags*, into Arabic without going into lengthy explanation which would clutter the text. An illustration of a tagged teabag therefore used instead of a paraphrase.” (Baker 1992:42)

Segundo Baker (1992), estas estratégias estão longe de completar o leque de todas as estratégias que podem ser utilizadas numa tradução; no entanto, são uma ajuda na resolução de casos de ausência de equivalência.

3. A tradução técnica

Segundo Cruz (2012:14), o texto técnico é, sobretudo, um acto de comunicação que se dirige a um público muito específico, como especialistas, engenheiros, técnicos ou profissionais e em que “os destinatários são outros especialistas, engenheiros e técnicos formadores ou público em geral”.

Este tipo de texto visa esclarecer o leitor sobre um tema de uma determinada área. Como afirmam Williams & Chesterman (2002) *apud* Cruz (2012:9), a tradução técnica é “a tradução de diferentes tipos de textos especializados sobre as ciências e tecnologias e sobre outras disciplinas como a Economia e a Medicina.” Assim, a tradução técnica é feita a partir de textos que pertencem normalmente a uma área específica, pelo que usa uma linguagem especializada, tendo como finalidade a comunicação clara de informação especializada.

Cruz (2012:11) afirma ainda que “Os textos provenientes da tradução técnica – e consequentemente, os da escrita técnica – cumprem uma função essencialmente pragmática e utilitária. É deles que emana, diariamente, a panóplia de actividades que enformam a vida das pessoas: quer sejam actividades profissionais, escolares, ou lúdicas.” A tradução técnica desempenha, portanto, um papel importante no contexto social e no quotidiano do indivíduo, já que, sem ela, não seria possível compreender um manual de instruções ou agir de acordo com regulamentos de segurança. Assim, quando traduz um texto técnico, o tradutor deve ter em atenção alguns aspectos, tal como Byrne (2006: 1-5) sugere:

- Deve considerar o público do texto de chegada, uma vez que é para este que o texto está a ser traduzido; é também este público que vai averiguar se a tradução foi ou não bem feita.
- Deve compreender quais são as necessidades e os requisitos do público-alvo relativamente à tradução.
- Deve compreender a forma como funciona a comunicação técnica na língua de chegada, de forma a redigir um texto independente e autónomo que consiga competir com outros textos do mesmo género, na mesma língua.
- Deve considerar a possibilidade de adicionar, remover e/ou modificar partes da informação, de modo a que o texto traduzido consiga ser encarado como um meio de comunicação naquela área.

Por fim, é importante que, ao traduzir um texto técnico, o trabalho do tradutor se mostre absolutamente leal ao original, já que, segundo Cruz (2012:106), “ É através dos manuais que o tradutor técnico traduz que muita gente aprenderá a operar um veículo, uma máquina-ferramenta, um assento de segurança para bebés, ou uma faca eléctrica de cozinha. Todos estes objectos poderão tornar-se letais se forem mal utilizados.”

Dado que os textos traduzidos são textos técnicos, desenvolvem-se, nas secções seguintes, algumas questões relacionadas com a tradução deste tipo de textos.

3.1. Características gerais da tradução técnica

Embora a tradução técnica seja ainda subestimada por muitos, a verdade é que o número de traduções desta natureza tem vindo a aumentar, uma vez que existem cada vez mais leis, regulamentações ou até mesmo manuais de instruções para traduzir. Segundo Byrne (2006:2), “technical translation accounts for some 90% of the world’s total translation (...) motivated partly

by the increasingly international focus of many companies and partly as a result of legislation such as Council of the European Union Resolution C411 (1998a), EU Directive 98/37/EC (Council of the European Union 1998b) and Council Directive 93/42/EEC (1993) and international standards such as EN 292-2: 1991 and EN 62079: 2001 to name just a few.”

A importância que a tradução técnica assume actualmente acaba por não ser assim tão surpreendente, uma vez que existe um enorme volume de informação técnica que é partilhada por todos os países. Contudo, no que diz respeito a estudos de Tradução, a tradução técnica é, muitas vezes considerada de pouca importância, ou, como afirma Byrne (2006:1), “the ugly duckling of translation” ou “the poor cousin of «real translation»”.

Na verdade, a tradução técnica nunca foi o principal foco de estudos teóricos e, até há pouco tempo, poucos autores explicavam completamente os mecanismos e a complexidade envolvidos neste tipo de actividade de tradução. Assim sendo, Byrne (2006:8) desmistifica alguns mitos relacionados com a tradução técnica:

- A tradução técnica não é toda sobre terminologia: embora o vocabulário técnico represente um aspecto crucial na tradução técnica, é mais importante saber como escrever o texto do que saber manipular a terminologia.
- O estilo é importante na tradução técnica: deve ter-se em atenção que a tradução técnica e literária são dois tipos de tradução bastante diferentes e, portanto, será raro, ou mesmo impossível, encontrar as mesmas técnicas estilísticas nos dois textos. No entanto, tal não significa que o texto de partida não tenha o seu estilo próprio; tem-no na forma como é escrito, nas palavras seleccionadas e na forma como as frases são construídas. Embora o texto de partida não seja lido por puro entretenimento ou não seja apreciado do ponto de vista estético, não se pode dizer que o mesmo prescindia de um estilo próprio.
- A tradução técnica é criativa, embora seja, sem dúvida, mais específica do que, por exemplo, a tradução literária. Assim, o tradutor de textos técnicos deve ser criativo na forma de tornar as suas traduções acessíveis ao público

que as lê.

- O tradutor de textos técnicos não tem necessariamente de ser especializado numa determinada área para trabalhar nela. Qualquer tradutor que já tenha efectuado traduções e que tenha um bom poder de pesquisa e investigação pode fazer esse trabalho.
- A tradução técnica não remete apenas para informação especializada. Embora seja, de facto, verdade que tem como objectivo transmitir informação sobre áreas de especialidade, não nos podemos esquecer de que este tipo de tradução requer também conhecimento sobre as línguas de partida e chegada, sobre as convenções linguísticas, sobre o género e o estilo, de forma a que o leitor seja capaz de compreender a informação sem muita dificuldade.

Byrne (2006:11) acrescenta ainda que “The purpose of a technical translation is to present new technical information to a new audience, not to reproduce the source text, per se, or reflect its style or language”. Assim, o texto de chegada tem de se adequar ao leitor, que deve compreender a informação de forma adequada e eficaz. Isto significa que o tradutor tem que ter em consideração outros aspectos que não só a tradução das palavras: deve ter também em consideração as culturas dos textos de partida e de chegada, bem como os destinatários.

Neste sentido, também Zethsen (1999) *apud* Duarte (2013) aponta algumas questões que devem ser repensadas no contexto da tradução técnica.

Em primeiro lugar, embora um dos principais objectivos da tradução técnica seja a transmissão de informação factual, o tradutor deve também prestar atenção a outras funções que o texto possa ter.

Em segundo lugar, e na linha de Byrne (2006), também Duarte (2013) considera que, embora a terminologia represente a maior dificuldade para o tradutor, tal não quer dizer que este se concentre apenas nas unidades terminológicas.

Finalmente, de acordo com Byrne (2006), a tradução de textos

técnicos não implica estratégias de tradução particulares. O tradutor deve estar familiarizado com a terminologia e a sintaxe típica dos textos técnicos, não devendo considerar-se satisfeito com investigação que já fez e com as estratégias de tradução que lhe são familiares. Pelo contrário, deve sempre procurar mais e melhores opções que o possam ajudar a desempenhar um bom trabalho na tradução do texto.

3.2. O papel do tradutor técnico

A tradução facilita a compreensão de uma mensagem, uma vez que coloca a informação da língua de partida na língua de chegada. Sem tradução e sem o tradutor, as trocas comerciais seriam mais difíceis, os meios de comunicação não poderiam alcançar todos os povos e não existiria, de forma alguma, este mundo global onde vivemos. Como afirma Cruz (2012:106), “o tradutor técnico de excelência tem de ter em mente que desempenha um papel fundamental no processo produtivo e que sem ele, a globalização e a internacionalização das empresas e das instituições não é possível.”

Traduzir não é, no entanto, uma tarefa simples: implica uma certa complexidade, uma vez que as palavras não têm sentido de forma isolada, mas sim dentro do contexto em que estão inseridas. Assim sendo, para traduzir, não basta apenas substituir uma palavra da língua de partida por uma da língua de chegada; é também necessário um grande conhecimento a nível gramatical (morfológico, sintático e semântico) das línguas de partida e de chegada.

O tradutor depara-se com várias questões ao traduzir um texto. Em primeiro lugar, a tradução revela as competências profissionais do tradutor, bem como as suas capacidades de tradução. Em segundo lugar, o tradutor terá de ultrapassar questões de ordem textual, de fidelidade ao texto de partida e até mesmo de fidelidade ao próprio conceito de tradução.

No que diz respeito à tradução do texto técnico, tanto Robinson (2003) como Byrne (2006) acreditam que um bom tradutor técnico não precisa de se focar apenas numa única área, ou seja, para se ser um bom

tradutor técnico não é necessário que o mesmo seja especializado apenas em tradução de textos médicos ou jurídicos, por exemplo. O que realmente é relevante para o tradutor do texto técnico é a sua capacidade de, primeiramente, ter conhecimentos básicos da área do texto a traduzir e, depois, fazer uma pesquisa intensiva e autónoma sobre o tema. Assim, é necessário que o tradutor técnico faça traduções exactas e precisas do texto de partida, mostrando que, embora não seja especialista naquele tema, conseguiu, através de pesquisa, tornar o texto tão perceptível quanto o original.

A ideia de Robinson (2003) é a de que os tradutores podem fingir possuir conhecimentos de uma determinada área de especialidade, no sentido em que, de facto, encarnam uma personagem: a personagem que é conhecedora absoluta de todo o léxico de uma determinada língua de especialidade. Significa isto, então, que o tradutor deve ter um conhecimento suficiente, ou pelo menos básico, acerca de um determinado tópico e, depois, pode trabalhá-lo de forma a conseguir escrever sobre ele sem problemas, um pouco como um actor, nas palavras de Robinson (2003).

Por outro lado, Zethsen (1999:67) afirma que o tradutor técnico é “a factual and objective engineer”, ou seja, deve ser objectivo e preciso na informação que pretende transmitir, fiel ao texto de partida, e, sobretudo, deve conseguir transmitir a informação lá contida. Nas palavras de Cruz (2012:106), “A tradução técnica tem uma missão social e clarificadora, missão que encerra responsabilidades que vão para além da lealdade ao texto de partida: pelo contrário, como referi anteriormente, o tradutor técnico e especializado tem especiais deveres para com os utilizadores dos textos que traduz, e a esses deve total lealdade. (...) Os utilizadores de cada texto técnico merecem o melhor que se lhes possa dar, e exigem do tradutor técnico um trabalho exemplar.”

De forma a facilitar o trabalho do tradutor técnico, Byrne (2006) enuncia cinco características que o mesmo deve possuir de forma a realizar uma boa tradução:

- Conhecer o assunto
- Boas capacidades de escrita
- Boas capacidades de pesquisa
- Conhecimento de géneros e tipos de textos
- Boas capacidades pedagógicas

Por sua vez, Cruz (2012:107), sugere outras cinco características essenciais ao trabalho do tradutor:

- Preparação linguística: o tradutor deve ser um conhecedor exímio da sua língua, devendo dominar na perfeição a gramática da mesma, não esquecendo que deve também dominar as línguas com as quais irá trabalhar.
- Curiosidade cultural e técnica: o tradutor deve ser um investigador, um curioso em todos os temas nos quais vai trabalhar, para ser fiel ao texto a traduzir.
- Disciplina: o tradutor deve ser responsável pelos horários e datas de entrega das traduções, já que, ao trabalhar, na maior parte das vezes, como *freelance*, pode acabar por se descuidar nos prazos.
- Utilização diversificada de materiais colaterais: o tradutor deve dispor de um variado leque de materiais que o ajudarão na tradução dos textos.
- Integridade ética: o tradutor deve ser responsável, na medida em que deve guardar confidencialidade dos textos nos quais trabalha, disponibilizando-se, sempre que o cliente sugerir, a assinar um termo de confidencialidade.

Convém também sublinhar que, ao ter noções básicas acerca de uma determinada matéria, o tradutor acaba por poder gerar uma espécie de base de dados para outras traduções, suas ou de outros tradutores. Desta forma, um tradutor especializado em engenharia que queira trabalhar um texto com conteúdos relativos à construção civil ou um texto da área da mecânica pode fazê-lo, uma vez que a terminologia de ambas as áreas é semelhante, pelo que poderá recorrer a bases de dados de ambas as áreas.

3.3. Tipos de textos técnicos

Os escritores de textos técnicos produzem uma quantidade de documentos do mesmo tipo em diferentes áreas. Existem documentos técnicos desde o mais simples manual de instruções até ao manual de terminologia jurídica. Este tipo de documentos pode variar quanto ao conteúdo, ao tema, e à natureza do produto. Byrne (2006) apresenta três tipos de texto técnico, com características diferentes²:

- **Propostas:** para que uma ideia ou um projecto se torne real e possa ser posto em prática, é primeiro necessário que exista uma proposta. As propostas são, normalmente, algo que é feito de dentro para fora de uma empresa ou entidade e são, por norma, documentos persuasivos. O objectivo de qualquer proposta é, portanto, persuadir alguém a concordar com o autor do texto. Este tipo de documentos pode representar um desafio tanto para o tradutor como para o escritor, uma vez que contém informação variada, que pode ir desde informação legal até informação financeira ou informal.

- **Relatórios:** na produção de qualquer produto deve existir um relatório onde estejam indicados os aspectos relativos ao produto, o seu desenvolvimento, a sua viabilidade, o sucesso comercial, a segurança, etc.
Um relatório consiste em factos e informação necessária que irá ajudar os utilizadores a perceber, analisar ou utilizar este mesmo produto.
Existem pelo menos três tipos de relatórios:
 1. Relatórios informativos, que remetem para informação e resultados acerca do produto;

² Ver Cruz (2012) para uma descrição mais completa sobre outros tipos de textos técnicos.

2. Relatórios analíticos, que remetem para a mesma informação do relatório informativo, mas incluem, ainda, esquemas e gráficos com base nessa informação;
 3. Relatórios de Recomendação, que, como o nome indica, integram recomendações a ter em conta na utilização de um produto.
- **Manuais de Instruções:** são o tipo de documento principal daquilo que é um texto técnico, sendo, provavelmente, o texto mais escrito por escritores técnicos.

Existem vários tipos manuais de instruções, com uma área, um formato e um público-alvo específicos. Os manuais de reparações, por exemplo, são desenvolvidos para indivíduos que não sejam necessariamente utilizadores do produto, por exemplo, para engenheiros. Já os manuais do utilizador destinam-se a pessoas que, de facto, utilizam o produto. Normalmente, são utilizadores que já têm algum conhecimento sobre o referido produto e precisam de ser elucidados sobre como este funciona. Tal tipo de documentos, normalmente, contém informação de fácil compreensão, mesmo que seja informação mais técnica, garantindo sempre que quem lê irá perceber os termos e os conceitos que neles ocorrem.

Uma das principais características dos manuais de instruções é a de garantir a segurança do utilizador e prevenir o mesmo acerca de perigos e acidentes que podem ocorrer durante a utilização do produto. Além de oferecer informações de segurança, este tipo de documento oferece também aos leitores ajuda na utilização do produto.

No que diz respeito aos textos técnicos traduzidos no âmbito do estágio, *Counter Terrorism protective Security Advice for Stadia and Arenas* e *Counter Terrorism Protective Securitive Advice: For General Aviation v2*, as suas características gerais permitem-nos incluí-los na categoria dos manuais de instruções.

Como já foi dito no capítulo de apresentação dos dois textos analisados, ambos dizem respeito às medidas de segurança que devem ser postas em prática em estádios e anfiteatros, bem como em locais de aviação geral.

Uma das razões pelas quais considero que estes dois textos se inserem na categoria dos textos técnicos é o facto de utilizarem uma linguagem especializada da qual consta alguma terminologia, dirigindo-se a um público muito específico, mais concretamente entidades policiais de segurança interna e proprietários de certos locais.

Outra razão que me levou a caracterizar os textos como manuais de instruções, foi o facto de ambos terem sido redigidos de forma a ensinar os utilizadores e proprietários quer de estádios e anfiteatros quer de locais de aviação geral a instaurar as medidas de segurança necessárias nas suas instalações. Os dois textos destinam-se a pessoas que já têm uma noção do conteúdo dos mesmos, mas que, com a ajuda destes, irão aprofundar conhecimentos na área visada, neste caso, a da segurança interna.

4. Tipologia Textual

O interesse pela tipologia textual não é recente, sendo que o tema começou a ser explorado, segundo afirma Lamas (2003), na Antiguidade, por Aristóteles. O filósofo dava os primeiros passos nos estudos da tipologia textual, ao considerar que “el discurso consta de três componentes: el que habla, aquello de lo que habla y aquél a quien habla.” (Lamas 2003:55).

Para Isenberg (1987:54) *apud* Lamas (2003), a tipologia textual desempenha um papel importante na percepção e compreensão de um texto, no sentido em que “La organización de las clases de discurso es importante, ante todo, para precisar el ambito de validez de las regularidades (principios, reglas o normas) que son fundamento de la producción y recepción de textos.” (Lamas 2003:54). Dito de outra forma, é importante que, ao produzir um texto, se saiba, à partida, quais as suas particularidades, para que o leitor tenha uma maior facilidade na compreensão da informação.

Lamas (2003:54) reforça a sua ideia relativamente à importância da tipologia textual ao afirmar que “ (...) la clasificación estable de los textos sirve para poder hacer predicciones sobre la organización y el contenido de los textos a partir de sus estructuras.”. Assim, a classificação dos textos permite ao leitor ou ao escritor saberem como se podem organizar na leitura ou na redacção do texto, não esquecendo que, para o tradutor, esta classificação é também de extrema importância, como afirma o referido autor: “Este hecho tiene numerosas repercusiones en ámbitos como la traducción (pues necesita esclarecer el comportamiento de diversos mecanismos textuales para prever su versión), la pedagogía y la didáctica (la ordenación de los tipos de texto permite avanzar en la enseñanza de los mecanismos textuales), la catalogación de textos en bibliotecas o registros, la lingüística computacional (para generar mejores aplicaciones informáticas), etcétera.” (Lamas 2003:54).

O reconhecimento do tipo a que pertence o texto permite, assim, uma melhor compreensão do que é dito e escrito, de uma forma (quase) intuitiva, evitando ambiguidades na redacção, na escrita e/ou na tradução do mesmo.

As secções que se seguem têm como objectivos a apresentação de tipologias textuais e a reflexão sobre a sua importância no processo tradutório.

4.1. O modelo de Reiss

Reiss (2000:24) defende que, antes de uma tradução ser feita, é necessário perceber qual o tipo de texto que se vai traduzir: “Since texts require the medium of language for their expression (although mathematical formulae may not require translation), each text must be examined to determine precisely what function of language it represents”.

Como a autora refere, “One of the causes for the inadequacies of translation criticism to date may be traced to the wide variety of views as to what a translation can or should achieve or even the doubt as to whether translation is in fact at all possible. A theory of translation that is applicable

to all texts has not yet been developed” (Reiss 2000:6). Dito de outra forma, cada texto tem sempre uma função implícita, podendo ter um carácter informativo, expressivo ou persuasivo, que deve ser tido em conta no processo de tradução.

Reiss (2000) propõe três tipos de texto, como a seguir se apresenta:

1. Textos com uma função informativa

- Têm uma dimensão lógica;
- Focam-se no conteúdo.

No caso de um texto com uma função informativa, o conteúdo deve ser preservado a todo o custo, para que também a tradução tenha unicamente um carácter informativo.

2. Textos com uma função expressiva:

- Têm uma dimensão estética;
- Focam-se na forma.

No caso de um texto com uma função expressiva, a tradução deve provocar no leitor o mesmo efeito estético do texto de partida. Desta forma, o que interessa não é tanto a informação, mas sim a forma, ou seja, como afirma Fawcett (1997:111), “ If I want to translate *Clang, clang, clang went the trolley*, there is little point looking up the word mattered, since in both Spanish and French it is translated as “to emit a metallic sound”, which has no aesthetic effect.”

3. Textos com uma função persuasiva:

- Têm uma dimensão dialógica;
- Focam-se no acto de convencer alguém de algo.

No caso de um texto com uma função persuasiva, na tradução deve ser preservada a argumentação do texto de partida, de forma a manter a função persuasiva do texto de partida.

Considerando os tipos de texto propostos, Reiss (2000) ressalva ainda que existe uma ligação entre os textos que se focam no conteúdo e os que se focam na forma, defendendo que o conteúdo só pode ser compreendido se estiver na forma correcta, ou seja: “How a thought is expressed is hardly less important than what is expressed” (Reiss 2000:28). Os textos que se focam no conteúdo dão mais relevância à eficácia e precisão da comunicação, já os textos que se focam na forma dão mais relevância à sua natureza estética e criativa: “A text properly belongs to the content focused type because their principle concern is for the particular situation or event which they treat or comment on (...) a text focus on form when it is based on formal literary principles, it expresses more than states, where figures of speech and style serve to achieve an esthetic purpose.” (Reiss 2000:30).

4.2. O modelo de Werlich

De entre as mais conhecidas tipologias textuais, destaca-se a de Werlich (1972). O autor tem em consideração dois critérios fundamentais: o contexto extralinguístico, no que diz respeito ao elemento contextual dominante no discurso, e a estrutura das orações, ou seja, as construções sintáticas.

Assim, Werlich (1972) a partir de Lamas (2003) sugere cinco tipos de texto, cujas características se enunciam de seguida:

1. Textos Narrativos

- A estrutura dominante é construída através de verbos que indicam acções;
- Os verbos encontram-se normalmente no pretérito imperfeito;

- Ocorrem vários advérbios que indicam lugar e tempo, de forma a situar a acção.

2. Textos Descritivos

- A estrutura dominante é construída através do verbo *ser* ou outros verbos estativos;
- Os tempos verbais encontram-se normalmente no presente;
- Ocorrem vários advérbios que indicam lugar;

3. Textos Expositivos

- A estrutura dominante é construída através do verbo *ser*, bem como verbos com um predicado nominal;
- Os verbos encontram-se normalmente no presente
- Utilizam frequentemente o verbo *ter* combinado com um objecto directo;

4. Textos argumentativos

- A estrutura dominante é construída através de ideias e conceitos que procuram demonstrar algo;
- Os verbos encontram-se normalmente no presente;
- Utilizam frequentemente o verbo *ser* com um predicado nominal;

5. Textos Instrucionais

- A estrutura dominante é construída através de verbos no imperativo, com a ajuda de enumerações em forma de listas, para ilustrar como fazer para obter o resultado desejado.

4.3. O modelo de Adam

A tipologia de Adam (1985) retoma a tipologia textual de Werlich (1972), alargando-a. Adam defende que a sua tipologia textual se fundamenta na função do texto: por exemplo, no caso de um texto argumentativo, o objectivo será o de convencer o público-alvo; no caso de um texto instrutivo/ directivo, o objectivo será o de mostrar ao público-alvo como fazer alguma coisa.

No quadro seguinte, apresento uma síntese da tipologia textual proposta por Adam (1985), a partir de Lamas (2003:66).

Tipo de Texto	Função	Características	Subtipos
Conversacional	Diversas (prometer, agradecer, desculpar)	Interactivo (mais de um falante)	Conversação cara a cara, entrevista, colóquio, tertúlia, diálogo teatral
Descritivo	Informar sobre um estado de coisas (como algo a alguém)	Utiliza preferentemente e esquemas atributivos e adjectivos	Descrição física, de personagens, ambientes ou objectos; descrição psicológica de personagens
Narrativo	Relatar acções/situações	Importância da estrutura temporal, abundância de predicação e verbos de acção	Narração oral, reportagens, contos, novelas, notícias
Directivo ou Instrucional	Dirigir, ordenar, aconselhar (como fazer)	Precisão, preferência por formas imperativas (também por outras formas verbais que modalizam as formas imperativas)	Manual de instruções, ordens, conselhos, recomendações
Preditivo	Informar sobre o futuro	Uso de tempos verbais futuros	Anúncios, horóscopos
Explicativo	Fazer compreender	Uso de exemplos; técnicas de síntese e análise; em organização, introdução, desenvolvimento e conclusão	Exposição, dissertação, conferência
Argumentativo	Convencer, refutar, expor	Marcas de causa, consequência, oposição	Ensaio, artigos de opinião, discursos políticos
Retórico	Jogos linguísticos com finalidade lúdica ou estética	Uso de figuras retóricas	Adivinhas, poemas

4.4. Os tipos de textos traduzidos

No que diz respeito ao texto técnico, é importante ter em conta que se trata de um texto com uma dimensão sobretudo comunicativa, ou seja, como refere Cruz (2012:13), “temos de considerar a dimensão pragmática do texto: (...) a situação comunicativa dos textos técnicos está ligada à indústria, ao fabrico de produtos ou à prestação de serviços”. Isto significa que o texto técnico tem uma função sobretudo prática, tendo como função primária a de informar e de comunicar, bem como a de ajudar o público para o qual o texto é redigido/traduzido.

Em qualquer texto, é possível encontrar segmentos de natureza diferente, sendo difícil encontrar um texto que se integre num e apenas num tipo. Assim, no caso particular dos textos traduzidos no âmbito do estágio, ainda que a transmissão de informação seja um objectivo fundamental, é possível encontrar segmentos textuais dos seguintes tipos:

- Segmentos instrucionais/directivos: são textos precisos, escritos normalmente no imperativo, que aparecem em manuais de instruções ou em regulamentações, sendo seu objectivo aconselhar ou orientar o público a que se destina.
- (1) “Divida o estádio em sectores. Se o estádio está organizado por departamentos e secções, os mesmos devem estar identificados como sectores de busca independentes. Cada sector deve ter uma dimensão adequada.”
- Segmentos expositivos/explicativos: têm como finalidade apresentar informação objectiva, são escritos de forma clara, apresentam conceitos de maneira ordenada e utilizam vocabulário adequado ao público a que se dirige.
- (2) O ideal seria que as buscas fossem feitas por equipas compostas por elementos responsáveis pela segurança, conhecedores do local, e por elementos policiais, assegurando uma busca sistemática e exaustiva.
 - (3) O presente guia pretende oferecer conselhos de segurança e protecção para aqueles que são responsáveis pela segurança de estádios e anfiteatros

independentemente do seu tamanho e da sua capacidade, não se restringindo a qualquer desporto ou evento particular.

De acordo com o que foi apresentado nesta secção, conclui-se que é importante reconhecer os tipos de texto para que se reconheça, também, a função do mesmo. Na tradução técnica, este é um dos aspectos mais importantes a identificar no texto de partida, para que a informação contida no texto de chegada esteja de acordo com a do texto original, quer quanto à escolha de palavras quer quanto à organização da informação.

CAPÍTULO TRÊS: Análise da tradução

No presente capítulo, procedo a uma reflexão sobre as traduções realizadas, no que diz respeito a problemas de origem lexical, sintáctica e de organização textual, nomeadamente aqueles que representaram um maior desafio para mim, enquanto tradutora.

No que diz respeito aos problemas de natureza lexical, divido-os em seis alíneas: (i) léxico especializado, (ii) léxico não especializado, (iii) falsos amigos, (iv) empréstimos, (v) colocações e (vi) verbos modais. No âmbito do léxico especializado, analiso a terminologia da língua de partida utilizada no manual de segurança em causa neste relatório, bem como as siglas, os acrónimos e as designações de cargos, ilustrando todas estas questões com exemplos retirados do texto. Já no âmbito do léxico não especializado, foco questões relacionadas com as formas de tratamento, os casos de sinonímia, a perífrase como estratégia de tradução e as palavras polissémicas.

No que diz respeito aos problemas de origem sintáctica, analiso a ocorrência de verbos leves nas traduções efectuadas, bem como os elementos internos ao sintagma nominal (quantificadores, artigos e modificadores) e o pronome neutro *it*.

Finalmente, apresento algumas questões relacionadas com a coesão referencial.

5. Questões Lexicais

Segundo Contente (2008:23), a lexicologia é “uma ciência que se constitui a partir da linguística estrutural, tendo como objecto o léxico, as estruturas morfossemânticas e morfossintáticas das unidades lexicais de uma língua e todos os mecanismos de lexicogénese; identifica e classifica as unidades lexicais; determina a sua origem e as condições da denominação, da transmissão e dos valores da significação existentes nas diferentes polissemias.”. Por outras palavras, a lexicologia é uma área da linguística que se dedica ao estudo do léxico, nas suas diferentes vertentes.

Newmark (1988:73) acrescenta que “the basic thought-carrying element of language is its grammar. But since grammar is expressed only in words, we have to get the words right”. Assim, o plano lexical é de extrema importância para o tradutor, não devendo este inteirar-se apenas do significado literal e isolado de uma palavra, tendo, antes, de estar atento a todos os aspectos que podem alterar o significado dessa palavra.

Nesta secção, serão apresentadas questões relacionadas com léxico especializado e não especializado, falsos amigos, empréstimos, colocações e verbs leves.

5.1. O léxico especializado

Segundo Pavel & Nolet (2002:17), a linguagem especializada é usada para “facilitar una comunicación sin ambigüedad en un ámbito determinado del conocimiento, basándose en un vocabulario y usos lingüísticos específicos de ese campo.”

Nesta secção, abordo questões relativas à terminologia, a siglas e acrónimos e à designação de cargos.

5.1.1. Terminologia

A terminologia estuda o conjunto de palavras específicas de áreas de especialidade. O uso de terminologia é bastante útil no texto técnico, uma vez que poupa trabalho tanto ao leitor como ao escritor: ao utilizarmos os termos da área, os significados não são ambíguos, já que a cada termo corresponde um único significado, que se mantém interlinguisticamente.

Como ressalvam Pavel & Nolet (2002:18), “El trabajo de terminología exige una serie de cualidades, tales como: la capacidad de identificar los términos que designan los conceptos propios de un campo temático, confirmar su uso mediante documentos de referencia precisos, describirlos con concisión distinguiendo el buen uso del uso incorrecto, y recomendar o desaconsejar ciertos usos a fin de facilitar una comunicación exenta de ambigüedades.”

Os termos, unidades básicas da terminologia, são, segundo Correia (2005:1), “unidades lexicais que assumem significados específicos quando usadas em discurso especializado, significados esses que lhes permitem denominar conceitos científicos técnicos”. Também Sager (2000) *apud* Contente (2008:38) sugere que o termo “Do ponto de vista da significação é limitado pelo sistema cognitivo ao qual pertence. No que respeita à designação, o termo é criado deliberadamente e especificamente; esta criação limita-se por vezes, à afectação de uma significação mais restrita por uma unidade lexical da língua geral por um processo de terminologia. Quanto à sua função, os termos reenviam ao referente que designam, permitindo uma transmissão eficaz do conhecimento.

No texto traduzido no âmbito do estágio no ISCPSI, foi encontrada terminologia específica de diversas áreas, tais como: informática, indústria, direito, emprego, defesa, energia, segurança e actividades económicas do Reino Unido.

Assim, a terminologia encontrada referente a cada área é ilustrada abaixo:

- Informática

(4)

(a) *Trojan*

(b) cavalos de tróia

(5)

(a) *worms*

(b) *worms*

(6)

(a) *Hacking*

(b) Pirataria

- Indústria

(7)

(a) *flying glass*

(b) estilhaços de vidro

(8)

(a) *Pulping*

(b) Redução de pasta

(9)

(a) *Shredding*

(b) Trituração

- Direito

(10)

(a) *hoaxes*

(b) embustes

(11)

(a) *criminal offence*

(b) infracção penal

(12)

(a) *conviction*

(b) condenação

- Emprego

(13)

(a) *stewards*

(b) comissários dos estádios

(14)

(a) *contractual Obligation*

(b) obrigação contratual

(15)

(a) *recruitment*

(b) recrutamento

- Defesa

(16)

(a) *reconnaissance*

(b) reconhecimento

(17)

(a) *Operation Lightning*

(b) Operação Relâmpago

(18)

(a) *insider*

(b) fonte interna

- Energia
 - (19)
 - (a) *UPS*
 - (b) fonte de alimentação ininterrupta
- Segurança
 - (20)
 - (a) *Safety Officer/ Designated Person*
 - (b) responsável pela segurança
 - (21)
 - (a) *continuity plan*
 - (b) plano de continuidade
 - (22)
 - (a) *Evacuation Plans*
 - (b) Planos de evacuação
- Actividades Económicas
 - (23)
 - (a) *business*
 - (b) negócio/ actividade
 - (24)
 - (a) *economic damage*
 - (b) prejuízos económicos

As traduções apresentadas não foram todas conseguidas nas mesmas fontes. Alguns termos (como os dos exemplos (10), (11), (12), (14) e (19)) foram traduções encontradas no IATE. Foram também encontradas traduções no EurLex através do Linguee (cf. (20)-(24)) e outros termos, como os dos exemplos (7) e (17), foram obtidos através da consulta do glossário de Cruz

(2012). Alguns termos foram propostos pela Dra Cristina Reis, como aconteceu em (13) e (18). Foi ainda feita pesquisa e tradução de termos através da Infopédia (cf. (4), (6), (8), (9) e (16)), bem como da Diciopédia, (cf. (15)).

No caso de *worms*, em (5), optei por deixar ficar como no original, uma vez que, se traduzisse por *vírus*, poderia não estar a dar toda a informação, já que *worm* é um tipo de vírus muito específico e, em Português, não existe ainda uma tradução para o termo.

5.1.2. Siglas e Acrónimos

Segundo Contente (2008:236), as siglas são “constituídas por iniciais de certas unidades lexicais ou termos muito longos de modo a serem reproduzidos na sua totalidade; são uma consequência económica do sistema linguístico e de uso próprio.” Esta definição é semelhante à apresentada no Dicionário Terminológico, segundo o qual a sigla é “uma palavra formada através da redução de um grupo de palavras às suas iniciais, as quais são pronunciadas de acordo com a designação de cada letra.”

Por outro lado, os acrónimos são, normalmente, itens formados através da junção de letras ou sílabas que se pronunciam como uma palavra só. Segundo o Dicionário Terminológico, trata-se de “uma palavra formada através da junção de letras ou sílabas iniciais de um grupo de palavras, que se pronuncia como uma palavra só, respeitando, na generalidade, a estrutura silábica da língua.”

Nos textos técnicos, é habitual encontrar um grande número de siglas e acrónimos, que simplificam a escrita do texto. Normalmente, no que diz respeito à tradução de siglas e acrónimos, os mesmos devem ser apresentados por extenso quando são utilizadas pela primeira vez. Como sublinha Maillot (1975:174), “todo o texto deve lembrar com todas as letras a denominação à qual se refere a abreviatura, quando mencionada pela primeira vez”. Nas ocorrências posteriores, as denominações podem aparecer como siglas/acrónimos, ou seja, sem que estejam escritas por extenso.

No caso da tradução de siglas e acrónimos presentes no manual a que se reporta este relatório, optei por, na primeira ocorrência, manter a sigla/o acrónimo tal qual como aparece no texto de partida, explicando em nota de rodapé o seu significado. Nas ocorrências seguintes, optei por colocar apenas as siglas/os acrónimos sem a respectiva explicação, uma vez que tal já tinha sido feito na primeira ocorrência. Optei por usar maioritariamente a sigla do Inglês, conforme constava do original.

Assim sendo, foram obtidas traduções como:

- Siglas

(25)

(a) Counter Terrorism Security Adviser (CTSA)

(b) Conselheiro para a Segurança Antiterrorismo (CTSA)

(26)

(a) CCTV

(b) Circuitos fechados de televisão (CCTV)

- Acrónimos

(27)

(a) Police Search Adviser (POLSA)

(b) Conselheiro da Polícia em Matéria de Buscas (POLSA)

(28)

(a) Security Industry Authority (SIA)

(b) Autoridade da Indústria de Segurança (SIA)

No caso da tradução de (26) consultei as traduções de Cruz (2012) e Milho (2013), autores que também fizeram o estágio no ISCPSI. Já na

tradução de acrónimos, em (25), (27) e (28), optei por utilizar a base de dados terminológica, IATE. Foram estas duas opções que nortearam a tradução de todas as siglas e acrónimos presentes no manual.

5.1.3. Designações de Cargos

Tal como no caso da tradução de siglas e acrónimos, também nas situações em que ocorrem designações de cargos mantive a forma original no texto e coloquei uma nota de rodapé explicativa do cargo em questão.

Note-se que a tradução de designações de cargos pode levantar problemas ao tradutor, no sentido em que poderá haver dúvidas entre traduzi-las ou mantê-las na forma original. Existem várias discussões sobre este tema, no âmbito da teoria da tradução. Newmark (1988), por exemplo, sugere que o tradutor se guie pelo público-alvo. Assim sendo, o autor afirma que, “In general, the more serious and expert the readership, particularly of reports and academic papers, the greater the requirement for transference, not only of cultural and institutional terms, but of titles, addresses and words used in a special sense.” (Newmark 1988:94). Embora a sugestão do autor não se possa aplicar a todas as situações, uma vez que o tradutor nem sempre conhece o seu público-alvo, ela pode ser usada como estratégia geral de tradução quando o tradutor não recebeu nenhuma orientação em concreto em relação a esta questão. Assim, na tradução do manual de segurança analisado neste relatório, optei por traduzir os cargos do texto de partida por equivalentes na língua de chegada, normalmente em nota de rodapé.

Vejamos alguns exemplos retirados da tradução a que se reporta este relatório:

(29)

- (a) Within Scotland Police Command and Control structure and role, follows Strategic, Tactical and Operational Command as opposed to Gold, Silver and Bronze Command.
- (b) O comando e Controlo da Polícia Escocesa segue a estrutura de Comando Estratégico, Tático e Operacional, equivalentes aos Gold, Silver e Bronze Command do Reino Unido.
- (c) Comando Estratégico, Comando Tático, Comando Operacional (respectivamente, notas de rodapé 25, 26 e 27 de acordo com o que está na tradução do manual)

(30)

- (a) *Alarms Administration Office* (texto de partida e texto de chegada)
- (b) Associação dos Chefes de Polícia (nota de rodapé 8)

Para (29), usei uma nota de rodapé com a tradução por equivalência dinâmica, dos cargos *Gold*, *Silver* e *Bronze Commander*, já que os mesmos não têm equivalência literal em Português. Este primeiro exemplo foi, talvez, o que se apresentou como mais difícil, uma vez que, em Portugal, não existem denominações idênticas no que diz respeito a forças de segurança. Para a tradução fiz, em conjunto com a Dra. Cristina, uma pesquisa em texto paralelos disponíveis *online*. Através desses textos, percebi que *Gold*, *Silver* e *Bronze Commander* correspondem a Comando Estratégico, Tático e Operacional, e que as mesmas denominações existem no Reino Unido e na Escócia.

Tal como em (29), também (30) optei por manter a designação do texto de chegada, tal qual constava no texto de partida, traduzindo o seu significado em nota de rodapé. A tradução foi efectuada através do Linguee.

Tomei a decisão de colocar a tradução em nota de rodapé e não no texto, uma vez que me foi pedido, previamente, para manter sempre a designação de cargos tal como consta no original.

5.2. O léxico não especializado

Embora o léxico especializado cause bastantes problemas ao tradutor, uma vez que implica o conhecimento de terminologias científicas e/ou técnicas, direccionando-se para um público específico, o léxico não especializado pode não ser menos problemático. Na verdade, para além de reconhecermos uma palavra pelo seu sentido literal, devemos ser capazes de reconhecer todos os significados possíveis que uma mesma palavra pode assumir em diferentes contextos. O tradutor deve saber quais as estratégias a utilizar, no caso em que, por exemplo, se verifica a ocorrência de polissemia, sinónimos intralinguísticos, entre outros.

Nesta secção pretendo analisar algumas questões relacionadas com o léxico não especializado nas traduções efectuadas durante o estágio. Em particular, considerarei os seguintes aspectos: formas de tratamento, casos de sinonímia, a perífrase como estratégia de tradução, casos de polissemia.

5.2.1. As formas de tratamento

A história das formas de tratamento está intrinsecamente ligada à história do Homem. Desde a época clássica, ou até em tempos anteriores a ela, que as sociedades são altamente hierarquizadas, com classes sociais bem delimitadas e estabelecidas. Na altura, como agora, era natural que as relações de poder fossem marcadas por formas de tratamento específicas a cada classe social.

Segundo Duarte (2011:85), “(...) as formas de tratamento configuram um lugar de permanente disfunção no que concerne à tradução, porque nem sempre a língua de chegada do texto a traduzir possui forma equivalente à portuguesa, nem sempre o tradutor compreende as finíssimas especificidades

que o emprego de uma ou outra forma acarreta”. Dito de outra forma, nem sempre é fácil saber qual a forma de tratamento que deve ser utilizada no texto de chegada, uma vez que tal depende não só do texto de partida, mas também, e essencialmente, do contexto cultural da língua de chegada.

5.2.1.1. O pronome *You*

Segundo Sinclair (1990:29), o pronome *you* é utilizado para referir uma pessoa ou pessoas com as quais o falante se encontra a interagir verbalmente. O mesmo pronome tem a mesma forma para o singular e para o plural.

- You may have to wait a bit.
- Would you come and have a drink?
- How did you get on?

No caso da tradução deste pronome para o Português, deparei-me com algumas dificuldades, no sentido em que o pronome pessoal da segunda pessoa em Inglês, *you*, corresponde, naquela língua, a diferentes formas, quer plurais quer singulares, dependendo da relação hierárquica que se estabelece entre os interlocutores (*tu / você / vocês / o senhor / a senhora*, entre outras possibilidades).

Como o manual I, trabalho e analisado durante o estágio é um tipo de texto de carácter formal, não será possível utilizar a segunda pessoa do singular, *tu*. Caso optasse por esta tradução, daria ao texto a informalidade que ele não tem. Assim sendo, tive de pensar em outras estratégias para traduzir este pronome. Apresento, abaixo, abaixo alguns exemplos encontrados e a respectiva tradução:

(31)

(a) You should already know what is important to your business

(b) Deve saber o que é importante para si e para a sua actividade.

(32)

- (a) If there are, how stringent are your checks on the people you recruit or on your contract personnel?
- (b) Caso exista, quão rigorosos são os controlos que faz às pessoas que recruta, ou ao pessoal contractado?

(33)

- (a) Did you place the bomb?
- (b) Foi você que colocou a bomba?

Nos exemplos (31) e (32), a estratégia utilizada foi a de eliminar o pronome expreso, tendo obtido frases com um sujeito nulo. Embora tenha sido feita esta alteração, a frase continuou gramatical e de fácil compreensão para o leitor do texto de chegada. Note-se que, tratando-se de uma 3ª pessoa, a possibilidade de omitir o sujeito foi fortemente restringida aos casos em que a interpretação era inequivocamente a pretendida (ou seja, em que o sujeito nulo corresponderia ao leitor).

No exemplo (33), vemos a rara excepção da utilização do pronome *você* como sugestão de tradução para *you*. Neste caso, optei por fazer esta escolha uma vez que a utilização de um sujeito nulo seria uma opção inviável (*Colocou a bomba?*), pois não seria possível atribuir referência ao mesmo. Embora a forma pronominal *você* não seja a mais formal, ela é, pelo menos, mais formal do que o pronome *tu*, inadequado neste contexto. Note-se que a tradução por uma expressão mais formal como *o senhor* tornaria a frase estranha, uma vez que o leitor poderia não a interpretar como uma referência a si próprio.

5.2.1.2. O pronome *Your*

Da mesma forma que o pronome pessoa *you*, também o possessivo correspondente, *your*, se revelou interessante do ponto de vista da tradução. Segundo Cunha & Cintra (1984:319), “Os pronomes possessivos acrescentam à noção da pessoa gramatical uma ideia de posse (...)” e, normalmente, “o pronome possessivo concorda em género e número com o substantivo que designa o objecto possuído; e em pessoa, com o possuidor do objecto em causa” (Cunha & Cintra (1984:320). Sinclair (1990: 32) também afirma, para o Inglês, que “you use possessive pronouns when you are talking about the same type of thing that has just been mentioned but want to indicate that it belongs to someone else. (...) possessive pronouns are often used to contrast two things of the same type which belong to or are associated with different people. For example: «Sarah’s house is much bigger than ours»”.

Tal como na tradução do pronome pessoal *you*, também a tradução do pronome possessivo *your* se revelou desafiante por dois motivos:

- (i) a pessoa a que se refere (2ª ou 3ª pessoa) e a forma que assume, consoante o grau de formalidade do texto (*teu/seu*)
- (ii) a maior frequência de ocorrência em Inglês, já que, nesta língua, em certos contextos, é mais dificilmente dispensável do que em Português.

Relativamente à primeira questão, a estratégia foi facilitada pelo carácter do texto: destina-se a um público não conhecido, adulto, com o qual se estabelece uma comunicação mais formal, pelo que a opção natural foi a de usar a 2ª pessoa formal, sempre que o pronome toma como referente o interlocutor (*seu/sua/seus/suas*).

Quanto à segunda questão, eliminei o possessivo sempre que o mesmo não era necessário para que se mantivesse a coesão referencial no texto de chegada, veja-se o exemplo (34).

(34)

(a) Your priorities for protection should fall under the following categories

(b) As prioridades respeitantes à protecção devem ter como base as seguintes categorias:

(35)

(a) Are your staff fully aware of the role and operation of your Access Control system?

(b) Sabe se os seus funcionários têm plena consciência do papel e do funcionamento do sistema de controlo de acessos?

(36)

(a) Keep access points to a minimum and make sure the boundary between public and private areas of your building is secure and clearly signed.

(b) Restrinja os pontos de acesso ao mínimo e certifique-se de que o limite entre as áreas públicas e privadas do seu edifício são seguras e bem sinalizadas.

No que diz respeito a (34), optei por omitir o pronome possessivo, uma vez que era claro, a partir do contexto anterior, que as prioridades em causa eram relativas ao destinatário do texto.

Nos exemplos (35) e (36), optei por traduzir o pronome possessivo *your* por *seus*, *seu*, uma vez que, se este fosse omitido, poderia levar o leitor a questionar-se sobre quais eram os funcionários em questão e qual seria ou a quem pertenceria o edifício, provocando, assim, um caso de ambiguidade no texto de chegada.

5.2.2. Casos de sinonímia

Segundo Mateus e Xavier (1992:351), a sinonímia é “a relação de sentido entre duas ou mais unidades lexicais cujo significado é idêntico ou que podem ser utilizadas individualmente num mesmo contexto sem que com isso se verifique uma alteração no significado da frase.”

Os casos de sinonímia representam mais um problema no âmbito da tradução de textos. Ao tentar escolher uma palavra equivalente à do texto de partida, o tradutor tem de compreender o significado da palavra, bem como o contexto em que ela ocorre; só assim conseguirá escolher a palavra adequada. Neste processo, o tradutor pode confrontar-se com diversas situações:

(i) Existe um equivalente directo da palavra da língua de partida, verificando-se, assim, uma relação biunívoca entre as duas palavras dos textos. Este caso é ilustrado pelo exemplo (37)

(37)

(a) Secure your immediate environment and other vulnerable areas

(b) Proteja o ambiente à sua volta e outras áreas vulneráveis.

(ii) A mesma palavra do texto de partida pode corresponder a diferentes unidades na língua de chegada, com significados diferentes, pelo que cabe ao tradutor seleccionar a palavra adequada. Este caso é ilustrado pelos exemplos em (38) e (39):

(38)

(a) What published facts point to installations or services that are vital to the continuation of your business?

b) Quais os factos públicos que apontam para instalações ou serviços que sejam vitais para a continuação da sua actividade?

(39)

(a) Do you know who your neighbours are and the nature of their business and could an incident at their premises affect your stadium operation?

(b) Sabe quem são os seus vizinhos colaboradores ou a natureza dos seus negócios? Poderia um incidente da parte deles afectar o funcionamento do estádio?

Nos exemplos (38) e (39), a palavra do texto de partida *business* foi traduzida de forma diferente consoante o contexto em que se encontra. No exemplo (38), pareceu-me razoável traduzir *business* por *actividade* já que o contexto dá uma ideia de exercer uma acção, de dinamismo, ou seja, uma actividade que está a decorrer. Já no exemplo (39), optei por traduzir *business* por *negócio*, já que o contexto apontava não para o decurso das actividades, mas para a própria actividade.

(iii) A palavra do texto de partida pode corresponder a diferentes unidades na língua de chegada, sendo, nesta última, sinónimas, pelo que cabe ao tradutor seleccionar a que mais se adequa ao contexto, ao público-alvo, aos objectivos e ao grau de formalidade do texto, entre outros aspectos. Este caso é ilustrado pelo exemplo (40).

(40)

(a) Counter Terrorism Protective Security Advice for Stadia and Arenas

(b) Conselhos sobre Segurança Antiterrorismo para Estádios e Anfiteatros

A palavra *arena* presente no texto de partida pode ter, na língua de chegada, vários significados, tais como: arena, anfiteatro ou estádio. Optei por traduzir a palavra *arenas* por *anfiteatros*, uma vez que o seu significado, neste caso, corresponde a espaços reservados para espectáculos de jogos ou representações, o que se adequa ao contexto em questão. Uma outra razão que orientou a minha escolha foi o facto de em Português europeu a palavra

arena remeter, normalmente, para um local onde se realizam corridas de touros, acepção que é completamente desadequada no âmbito deste manual.

5.2.3. A perífrase como estratégia de tradução de léxico não especializado

De acordo com o Dicionário Terminológico, a perífrase é "uma figura retórica, também conhecida por circunlóquio ou circunlocução, que consiste em dizer com várias palavras o que poderia dizer com uma única palavra".

Uma das dificuldades mais comuns da tradução relaciona-se com o facto de nem sempre ser possível uma tradução de uma palavra por outra, podendo ser necessárias mais palavras no texto de chegada que consigam explicar o sentido de uma palavra no texto de partida. Segundo Fawcett (1997:45), esta estratégia de tradução designa-se por *amplification* e consiste em fornecer explicações sobre as unidades lexicais, ao invés de proceder a adaptações culturais, antecipando algumas falhas no conhecimento do público-alvo. Assim, se o tradutor não quer, ou não pode, fazer uma tradução literal nem utilizar notas de rodapé explicativas, deve esclarecer o significado da palavra em questão através de mais palavras ou expressões no próprio texto de chegada.

Em alguns casos das traduções efectuadas, foi necessário utilizar esta estratégia de tradução, para evitar a inserção de notas de rodapé que pudessem distrair o leitor do essencial da informação. Vejam-se, a este propósito, os exemplos (41)-(43):

(41)

(a) The ability to recognise those engaged in hostile reconnaissance could disrupt an attack and produce important intelligence leads.

(b) A capacidade de reconhecer os indivíduos envolvidos no reconhecimento hostil pode impedir um atentado e produzir importantes orientações para recolha de informações.

(42)

(b) Make your systems impossible to use through ‘denial of service’ attacks. These are increasingly common, relatively simple to launch and difficult to protect against.

(b) Impossibilitar a utilização dos seus sistemas através dos ataques “bloqueio de serviço”. Este género de atentados é cada vez mais comum, é relativamente fácil lançá-los e difícil proteger os sistemas contra tais ataques.

(43)

(a) Your installer should supply all relevant system documentation, e.g. log books and service schedules.

(b) O técnico da instalação deve fornecer toda a documentação relevante sobre o sistema, por exemplo, diários de registo e horários de serviços.

No exemplo (41), se a frase fosse traduzida tal e qual como no texto de partida, ou seja, *A capacidade para reconhecer os indivíduos envolvidos no reconhecimento hostil pode impedir um atentado e produzir importantes orientações*, poderia parecer que faltava informação ou que a frase não tinha sido traduzida na sua totalidade. Assim, optei por acrescentar *para a recolha de informações*, de forma a situar o leitor no contexto. À semelhança do que se ilustra em (41), também em (42) houve necessidade de acrescentar *sistemas*, de forma a que a frase se tornasse gramatical e compreensível para o leitor: note-se que, em Português, a preposição não pode ocorrer isolada, pelo que introduzi o respectivo complemento, *sistemas*. Para facilitar a compreensão do texto, introduzi, também, o complemento preposicionado do verbo *proteger* (proteger X contra Y).

Em (43), o termo assinalado em (a), *installer*, pode designar *instalador*, pelo que podia ter sido essa a minha opção de tradução. No entanto, por um lado, não é essa a palavra que se usa normalmente em Português para designar a pessoa que procede a uma instalação; por outro lado, o que aqui se pretende é dar a ideia de que quem instala o sistema é

uma pessoa com formação na área e, portanto, optei por traduzir o termo por *técnico de instalação*.

5.2.4. Palavras polissémicas

As palavras polissémicas apresentam, segundo Correia (2001:1), "vários significados (mais do que um), sendo possível estabelecer uma relação entre vários significados." De acordo com a mesma autora, a maior parte das palavras do Português europeu que utilizamos no dia-a-dia são polissémicas, contendo todas elas várias acepções. A única forma de determinar o significado deste tipo de palavras é considerar o contexto; só assim poderemos determinar com exactidão o seu significado e resolver casos de ambiguidade.

Na área da tradução, a questão da polissemia pode representar um problema, no sentido em que o tradutor não pode assumir que determinada palavra terá um único significado. Nestes casos, o tradutor deve ler o texto, prestar atenção ao contexto e tentar perceber em qual das acepções a palavra está a ser usada. Só assim poderá encontrar o equivalente na língua de chegada que servirá melhor no contexto.

Nesta secção, optei por usar o termo polissemia para todos os casos em que uma palavra pode assumir mais do que um significado, em função do contexto. Não usarei, por isso, a distinção entre polissemia e homonímia.

Considerem-se os exemplos (44) – (46):

(44)

(a) Intrusion detection technology can play an important role in an integrated security system; it is as much a deterrent as a means of protection

(b) A tecnologia de detecção de intrusos pode desempenhar um papel muito importante num sistema de segurança integrado; funciona quer como meio dissuasor quer como forma de protecção.

(45)

(a) This is more of a risk than it used to be because inks used by modern laser printers and photocopiers do not run when wet.

(b) Isso constitui mais um risco porque as tintas usadas nas impressoras e fotocopadoras modernas não funcionam quando molhadas.

(46)

(a) A communications and media strategy which includes handling enquiries from concerned family and friends.

(b) Uma estratégia para lidar com a comunicação e com os meios de Comunicação Social que inclua o saber lidar com as questões colocadas pelos familiares e amigos dos envolvidos.

O verbo assinalado em (44), *play*, pode ter, em Inglês, vários significados. No entanto, como aqui está associado ao objecto *a role*, foi fácil compreender que, nesta situação, o verbo deveria ser traduzido por *desempenhar* e não por *jogar*, que é outra tradução possível deste verbo para o Português.

Também o verbo *run* (cf. (45)) tem várias acepções no Inglês. Na maior parte dos casos, o equivalente em Português é *correr*. No entanto, neste caso, não seria a melhor opção de tradução já que está associado a um sujeito não animado (*inks used by modern laser printers and photocopiers*), ao qual não pode ser atribuída a propriedade de correr.

Finalmente, em (46), ocorre a forma *concerned*, palavra que é, na maior parte das vezes, traduzida por *preocupado*. No entanto, o sentido que aqui lhe é atribuído remete para as vítimas envolvidas nos ataques e não para a preocupação dos familiares e amigos das vítimas. Assim, optei por traduzir a palavra em questão por *envolvidos*, já que a sua tradução por *preocupados* não faria sentido no contexto da frase.

5.3. Falsos Amigos

Falsos amigos são, segundo Contente (2008:260), “palavras que se correspondem etimologicamente de uma língua à outra, mas que têm sentidos diferentes”. Assim, um falso amigo é uma expressão que, geralmente pelo efeito de partilha de uma mesma etimologia, tem uma estrutura externa muito semelhante ou equivalente à de outra expressão numa segunda língua, na qual o significado é completamente diferente. Os falsos amigos podem pertencer a qualquer classe gramatical: verbos, adjectivos, nomes e advérbios.

A existência de falsos amigos é especialmente problemática no processo de tradução, visto que um tradutor menos experiente poderá ser levado a fazer uma tradução por semelhança fonética e/ou ortográfica, o que poderá conduzir a erros mais ou menos graves. Na verdade o facto de as palavras da língua de partida serem, em alguns casos, ortográfica e/ou foneticamente semelhantes às palavras da língua de chegada não é sinónimo de terem um mesmo significado.

Considerem-se os exemplos (47) – (49), que integram falsos amigos presents no manual a que se reporta este relatório.

(47)

(a) Many injuries in urban terrorist attacks are caused by flying glass, especially in modern buildings and glazing protection is an important casualty reduction measure.

(b) Grande parte dos danos causados por ataques terroristas devem-se ao estilhaçar dos vidros, nomeadamente em edifícios modernos, onde a protecção é uma importante medida para a redução de acidentes.

(48)

(a) Confirm that the individual sent by the contractor or agency is the person who actually turns up.

(b) Verificar se o indivíduo enviado pelo empreiteiro ou agência é a pessoa que realmente vai trabalhar.

(49)

(a) Remember, however, that a conviction - spent or unspent - need not be a bar to employment

(b) Lembre-se, porém, de que a condenação penal- já cumprida ou não - não representa necessariamente uma barreira à contratação.

Para um tradutor incauto, o nome *casuality*, em (47), pode gerar alguma confusão, uma vez que se assemelha ao nome *casualidade*, que, em Português, significa ocasião ou algo proporcionado pelo acaso. Ora, a tradução adequada não é *casualidade*, mas antes *acidente*. Em (48), acontece precisamente o mesmo problema que ocorre em (47), já que a ocorrência do advérbio *actually*, pode levar à tradução errónea *actualmente*. Finalmente, em (49), vemos que *conviction* é também um falso amigo, no sentido em que, caso o tradutor não conheça os termos da área jurídica ou confie no seu conhecimento bilingue, pode traduzir a mesma palavra por *convicção*, que não é o significado da palavra.

5.4. Empréstimos³

Um empréstimo é, segundo Andrade (2002:36), ” o fenómeno que consiste na passagem de unidades lexicais, morfemas ou acepções de um sistema A para um sistema B”. Andrade (2002:1) afirma ainda que “ O Português europeu tem alargado o seu léxico através da adopção frequente de unidades lexicais estrangeiras. Este facto deve-se, em parte, ao inevitável e saudável contacto que se estabelece entre as línguas, inseridas num mundo cada vez mais globalizado e também ao facto de Portugal ser um país importador de ciência e tecnologia.” Assim, o empréstimo faz parte de um

³ Não farei aqui a distinção entre estrangeirismo e empréstimo, na linha de Correia (2005).

processo intercultural, no sentido em que acontece devido à intercomunicação entre diferentes culturas, à globalização e à troca de informação. A proliferação de empréstimos, sobretudo ingleses, nas áreas técnicas faz com que cada vez mais nos sintamos familiarizados com palavras importadas.

O recurso a empréstimos por parte do tradutor deve-se, na maior parte dos casos, à impossibilidade de tradução de conceitos ou de termos técnicos específicos inexistentes ou culturalmente desconhecidos na língua de chegada. Trata-se daquilo que Baker (1992:21) denomina por conceitos específicos das culturas: "The source-language word may express a concept which is totally unknown in the target culture. The concept in question may be abstract or concrete; it may relate to a religious belief, a social custom, or even a type of food".

Embora o uso de um empréstimo pareça algo antagónico àquilo que é o processo de tradução, acaba por se mostrar útil e, em alguns casos, necessário. Note-se, porém, que, ao utilizar empréstimos, o tradutor deve sempre assegurar-se de que os mesmos são compreendidos pelos leitores. Assim, em certas situações, pode explicitar o significado de empréstimos menos usuais através de notas de rodapé, notas no final do capítulo (ou do livro) ou de um glossário no final do livro.

Não creio que o uso de empréstimos deva ser entendido como uma fraqueza por parte do tradutor; deve, sim, ser sinónimo de uma maior eficácia e rigor comunicativos.

Na tradução do manual que é objecto de análise neste relatório, seguimos diferentes estratégias para a tradução de unidades novas. Assim, em (50) e (51), mantiveram-se as expressões do original, destacando-as através do uso de itálico:

(50)

(a) It may be something tangible - for example, the data suite where all your transactions are recorded, the IT system or a piece of equipment that is essential to keep your business running.

(b) Pode ser algo tangível - por exemplo, o *data suite* onde todas as transações são guardadas, os sistemas informáticos ou uma parte do equipamento que é essencial para o bom funcionamento da actividade.

(51)

(a) You may have taken steps to protect your IT systems from viruses and hackers; these systems should be continuously updated.

(b) Os sistemas informáticos devem estar protegidos contra vírus e *hackers*; estes sistemas devem também estar em constante actualização;

Nestes exemplos, os empréstimos não sofreram adaptações para o Português, uma vez que estão já consagrados dessa forma pelo uso (Correia 2005). Assim sendo, sempre que aparece qualquer uma destas palavras o leitor não se irá questionar acerca do significado destas palavras estrangeiras, uma vez que já está familiarizado elas.

Nos exemplos (52) e (53) abaixo, pelo contrário, os empréstimos sofreram adaptações, neste caso ortográficas, ao Português.

(52)

(a) Consider additional registration of stewards on the National Stewards Database under the control of the football authorities and based at the Football League.

(b) Considerar o registo adicional de comissários de estádio no Banco Nacional de dados de comissários de estádio sob o controlo das autoridades do futebol e com base na Liga de Futebol.

(53)

(a) Remember to include stadium club shops, bars, vending outlets, stairs, corridors and lifts in the search plan, as well as car parks and other areas outside the building.

(b) Lembre-se de incluir as lojas do estádio, bares, escadas, corredores e elevadores nos planos de buscas, bem como parques de estacionamento e outras áreas fora do edifício.

Tanto *football* como *bars*, provenientes da língua inglesa, acabaram por se domesticar na língua de chegada, ou seja, acabaram por se adaptar à estrutura fonética e ortográfica da língua que os recebe. Por essa razão, foram usadas as formas já adaptadas ao Português.

5.5. Colocações

O termo *colocação* (do Inglês, *collocation*) foi definido por Firth (1957: 181) como: “Collocations of a given word are statements of the habitual or customary places of that word.”. Tem sido também objecto de várias definições por diversos estudiosos, como por exemplo, Mateus & Xavier (1992) ou Sinclair (1991)

Mateus & Xavier (1992:102) afirmam que uma colocação ou associação (denominação utilizada pelas autoras) é uma “Relação que se estabelece entre unidades lexicais, a partir de elementos de carácter subjectivo determinados pelo uso de uma dessas unidades.” Por sua vez, Sinclair (1991:170) define colocação como: “Occurrence of two or more words within a short space of each other in a text”. Para a caracterização de uma colocação, Sinclair sugere dois princípios de interpretação: o princípio da escolha aberta (*open space*) e o princípio idiomático.

O princípio da escolha aberta é uma forma de compreender o texto como o resultado de um amplo número de escolhas. Esta é, provavelmente, a forma comum de compreender e descrever a língua. É, normalmente, denominado por *slot and filler* e considera o texto como uma série de espaços que devem ser preenchidos a partir de um léxico que se adequa às

restrições locais. O princípio idiomático, por sua vez, estabelece que as palavras não aparecem por acaso no texto. Segundo Sinclair (1991), a natureza do mundo à nossa volta reflecte-se na organização da língua e contribui para uma escolha mais acertada. Por exemplo, no caso de palavras que aparecem juntas, são normalmente referidas como se, na maior parte dos casos, estivessem sempre juntas. O princípio idiomático definido por Sinclair determina que o falante de uma língua tem à sua disposição um amplo número de expressões pré-construídas que constituem escolhas únicas.

No caso da tradução do manual de segurança analisado neste relatório, interessa-nos sobretudo analisar as colocações que ilustram o princípio idiomático. Assim, considerem-se os exemplos (54) e (55):

(54)

(a) You do not need to make any special arrangements beyond normal first aid provision.

(b) Não precisa de estabelecer procedimentos especiais para além da prestação dos primeiros socorros.

(55)

(a) What security improvements you need to make?

(b) Os melhoramentos a fazer relativamente às medidas de segurança⁴;

Nestes exemplos, podemos verificar que, apesar de o verbo em Inglês ser o mesmo nos dois casos (*to make*), a sua tradução depende do objecto directo (*any special arrangements* em (54a) e *security improvements* em (55a)), e é este que vai decidir a forma a utilizar em Português: *estabelecer procedimentos* e *fazer melhoramentos*.

⁴ Alterei a forma de apresentar a informação, optando por uma frase declarativa em vez de uma frase vinterrogativa, dado o contexto anterior. Este facto não invalida o comentário relativo à colocação.

Vejam-se, ainda, os exemplos (56) e (57), que integram, em Inglês, o verbo *to take*:

(56)

(a) External lighting provides an obvious means of deterrence as well as detection, but take into account the impact of additional lighting on neighbours.

(b) A iluminação exterior constitui um meio de dissuasão bem como de detecção, mas tenha em conta o impacto da iluminação adicional na vizinhança.

(57)

(a) Terrorism can come in many forms, not just a physical attack. It can take the form of attacks on vital information or communication systems, causing disruption and economic damage.

(b) O terrorismo pode apresentar-se sob diversas formas e não só sob a forma de ataque físico. Pode apresentar-se sob a forma de ataques a informações vitais ou sistemas de comunicação, causando perturbações e prejuízos económicos.

À semelhança dos exemplos (54) e (55), também em (56) e (57) a tradução do verbo, neste caso *take*, depende do material com que se combina, sendo este que irá decidir a forma a utilizar em Português: *tenha em conta* e *apresentar-se sob a forma de*.

5.6. Verbos modais

Os verbos modais, ou *modal verbs*, têm sido caracterizados como um tipo particular de verbos auxiliares, que, de um modo geral, expressam ideias como capacidade, possibilidade, obrigação, permissão, proibição, dedução, suposição, pedido, vontade ou desejo.

Segundo Swan (1995:83), os verbos modais do Inglês são *will, shall, would, should, can, could, may, might*, sendo que nenhum deles tem flexão, o que significa que todos têm a mesma forma para todas as pessoas. Ao contrário do que acontece em Português, não co-ocorrem uns com os outros. Swan (1995:85) afirma também que este tipo de verbos “are used with other verbs to add various meanings, mostly to do with degrees of certainty or obligation.”

Oliveira (2003) mostra que os verbos modais podem assumir valores diferentes também em Português e defende que o conceito de modalidade é uma “gramaticalização de atitudes e opiniões dos falantes” (Oliveira 2003:245). Para a autora, existem sete tipos de modalidade: alética, epistémica, deôntica, temporal, bulomaica, avalativa e casual. Nesta secção do relatório, teremos em conta apenas as modalidades epistémica e deôntica.

A modalidade deôntica, é normalmente expressa em Português através dos verbos *dever, e ter de*. Segundo Oliveira (2003:247), “diz respeito às circunstâncias externas (pessoais, regras sociais ou normas) e está relacionada com valores de permissão e obrigação”. Por outro lado, a modalidade epistémica é normalmente expressa através de verbos como *poder*, estando relacionada “com o domínio da incerteza, da probabilidade.” (Oliveira 2003:248).

Também em Inglês, existem diferenças entre estes dois tipos de modalidade. Para Huddleston & Pullum (2002:178), a modalidade epistémica “involves qualifications concerning the speaker’s knowledge”, estando associada a verbos como, *may* e *could*. Já quanto à modalidade deôntica, associada a verbos como *must* ou *should*, os autores referem que é “derived from the Greek for «binding», so that here it is a matter of imposing obligation or prohibition, granting permission, and the like.” (Huddleston & Pullum 2002:178).

De forma a ilustrar estes dois tipos de modalidade, Huddleston & Pullum (2002) apresentam os seguintes exemplos:

i. a) He must have been delayed. b) He may have been delayed.[epistemic]

ii. a) You must pull your socks up. b) You may stay if you wish. [deontic]

Com base nos exemplos retirados do manual de segurança analisado neste relatório e traduzido no âmbito do estágio, verificam-se duas situações interessantes:

(i) Diferentes verbos modais em Inglês podem ter a mesma tradução em Português, representando-se, nesta última língua, o mesmo tipo de modalidade (deôntica, nos exemplos apresentados em (58) e (59)).

(58)

(a) Safety must always have priority over security.

(b) A segurança deve ter sempre um papel prioritário.

(59)

(a) You should have procedures for assessing the reliability and integrity of those you wish to employ

(b) Deve ter procedimentos de forma a avaliar a fiabilidade e a integridade daqueles que pretende contractar;

(ii) O mesmo verbo modal do Inglês pode ter traduções diferentes, ainda que se mantenha o mesmo tipo de modalidade.

(60)

(a) He or she must be involved in the planning and design of the stadium's exterior security, access control etc, so that the terrorist dimension is taken into account.

(b) A pessoa responsável deve estar envolvida no projeto e no planeamento do exterior do estádio, no controlo dos acessos, etc, de forma a que a dimensão terrorista seja tida em conta.

(61)

(a) Everyone must be clear about what they need to do in a particular incident.

(b) Todos têm de saber o que fazer em qualquer incidente.

Vemos nos exemplos apresentados em (58) e (59), casos de modalidade deontica. Ambos os verbos modais *must* e *should* pretendem transmitir uma ideia de obrigação, é como se neste caso de apresentassem como verbos fortes. Neste dois casos, ambos os verbos de valor deontico foram traduzidos por *dever*.

Já nos exemplos (60) e (61) vemos que a modalidade em causa é a epistémica. O verbo modal *must* pretende transmitir a ideia de dúvida, de possibilidade, de probabilidade. No caso das opções de tradução, *must* foi traduzido por *dever* e *ter de*, mantendo-se, no entanto, o mesmo tipo de modalidade.

6. Questões Sintáticas

A sintaxe é a componente da Gramática que estuda as relações que as palavras de uma frase mantêm entre si. O conhecimento sintático dos falantes permite-lhes formar frases gramaticais numa língua, tendo em conta os padrões de ordem possíveis nessa língua.

No caso da tradução, para além de um bom conhecimento lexical, o tradutor deve também possuir um bom conhecimento sintático não só da língua de partida como da língua de chegada.

Embora existam inúmeras questões interessantes no âmbito da tradução no que diz respeito às questões sintáticas, neste capítulo optei por analisar apenas as que me suscitaram maior interesse, nomeadamente: questões relativas aos verbos leves, ao sintagma nominal e ao pronome neutro *it*.

6.1. Verbos Leves

Segundo Duarte (2003:311), “Existem verbos normalmente classificados como verbos principais que, em certas construções, não exibem as propriedades típicas desta classe: os verbos leves.” Estes verbos caracterizam-se por um esvaziamento semântico que “permite que o centro semântico da frase se desloque para a expressão nominal” com que aqueles se combinam (Duarte 2003:312). Assim, a combinação de um verbo leve com um nome deverbal é, muitas vezes, parafraseável por um verbo pleno:

- (i) dar um abraço = abraçar
- (ii) fazer um discurso = discursar

O esvaziamento semântico dos verbos leves não é, contudo, total, já que os mesmos mantêm, na maioria dos casos, a estrutura argumental dos verbos plenos correspondentes e preservam o significado básico destes últimos (Duarte 2003: 312-313).

Na tradução do manual de segurança que é objecto deste relatório, encontrei algumas ocorrências de verbos leves que me pareceram relevantes.

Considerem-se os exemplos (62) – (64):

(62)

(a) A former employee was able to connect to a system remotely and made changes to a specialist electronic magazine, causing loss of confidence among customers and shareholders.

(b) Um ex-empregado conseguiu ligar um sistema por activação remota e fez alterações a uma revista especializada em electrónica, provocando a perda de confiança entre os clientes e os acionistas.

(63)

(a) Give consideration to the number of camera images a single CCTV operator can effectively monitor at any one time.

(b) Tenha em consideração o número de imagens que um único operador CCTV consegue monitorizar eficazmente ao mesmo tempo.

(64)

a) Give advice on physical security equipment and its particular application to the methods used by terrorists; your CTSA will be able to comment on its effectiveness as a deterrent, as protection and as an aid to post-incident investigation

b) Aconselhar sobre equipamentos para segurança física e sobre a sua aplicação particular aos métodos usados pelos terroristas; *O CTSA* estará preparado para comentar a eficácia desses equipamentos como forma dissuasora e de proteção, e como apoio à investigação pós-incidente.

Estes exemplos ilustram duas estratégias de tradução que segui:

(i) Manutenção da construção do texto de partida, ou seja, <verbo leve+nome deverbal> - exemplos (62) e (63). No exemplo (62), optei pela utilização do verbo leve (no caso, *fazer*) mantendo, assim, a construção utilizada no original, *made changes*. Poderia ter optado por traduzir a frase da seguinte forma: “Um ex-empregado conseguiu ligar um sistema por activação remota e alterou a revista especializada em electrónica”, uma vez que não mudava propriamente o sentido da frase. Em (63), optei também pela utilização do verbo leve (no caso, *ter*) na versão em Português, mantendo, assim, a construção original *give consideration*. Note-se, no entanto, que traduzi o verbo leve *to give* do Inglês pelo verbo *ter*, uma vez que a colocação, em Português, exige a presença deste último verbo.

(ii) Utilização do verbo principal morfologicamente relacionado com o nome deverbal que ocorre na construção com o verbo leve – exemplo (64). Neste caso, embora a versão em Inglês apresente o verbo leve *to give*, na versão em Português utilizei o verbo principal que constitui a paráfrase da estrutura <verbo leve + nome deverbal>.

6.2. O Sintagma Nominal

De acordo com Brito (2003:328), um sintagma nominal (SN) é “uma categoria sintáctica que é a projecção de um nome.”

Considerem-se os seguintes exemplos, retirados de Brito (2003:328):

“(1) (a) a *discussão*

(b) a *discussão* sobre propinas

(c) a *discussão* sobre propinas na Faculdade

(d) a importante *discussão* sobre propinas”

Estes exemplos mostram que, para além do núcleo, o nome *discussão*, o SN pode incluir (i) determinantes ou quantificadores (*a*), que ocorrem à direita do nome, como especificadores, (ii) complementos oracionais ou preposicionais (*sobre propinas*) e (iii) modificadores, que,

categorialmente, podem ser adjectivais (*importante*), preposicionais (*na Faculdade*) ou oracionais. Os modificadores e os complementos ocorrem basicamente à direita do núcleo.

Nesta secção do relatório irei apresentar algumas questões relacionadas com a estrutura interna do SN, nomeadamente com especificadores e modificadores.

6.2.1. Especificadores

Hernanz & Brucart (1987) caracterizam os especificadores do nome como as unidades que se situam à esquerda do nome, tendo como função o estabelecimento da referência desse nome (no caso dos determinantes) ou a delimitação do seu número por quantificação (no caso dos quantificadores).

Nesta secção, focar-me-ei apenas nos quantificadores e nos artigos.

6.2.1.1. Quantificadores

Brito (2003), ao apresentar a estrutura do SN e, em particular, os quantificadores afirma que: “Os quantificadores incluem diversos tipos de elementos: (i) os que exprimem a quantificação existencial (*um/ uns, algum / alguns*), (ii) os Qs «discretos», que incluem os numerais (que exprimem a cardinalidade ou a ordem) e os Qs que indicam pluralidade, como *inúmeros, muitos, vários, diversos, diferentes, bastantes, poucos, raros*, (iii) os quantificadores universais (todos e ambos).” (Brito 2003:345).

Ao analisar o texto que é objecto de análise neste relatório, encontrei alguns casos de utilização de quantificadores que são interessantes do ponto de vista da tradução.

No exemplo (65) ocorre o quantificador negativo, *no*. Neste caso, procedeu-se à tradução do quantificador pelo seu equivalente, mas, para que a frase resultante fosse gramatical, foi necessário transformá-la numa frase negativa, introduzindo, por isso, o advérbio de negação frásica *não*. Esta alteração é obrigatória para legitimar o quantificador *nenhuma*.

(65)

(a) Upon detonation, no nuclear explosion is produced but, depending on the type of the radioactive source, the surrounding areas become contaminated.

(b) Ao detonar, não é produzida nenhuma explosão nuclear mas, dependendo do tipo de fonte radioactiva, as áreas circundantes ficam contaminadas.

Os exemplos (66) e (67) ilustram o facto de os quantificadores *all* e *every* do Inglês poderem ser traduzidos pelo mesmo quantificador em Português, *todos/todas*. Esta situação acontece porque, na língua inglesa, *every* é utilizado com nomes singulares e *all*, com nomes plurais, sendo ambos quantificadores universais. No caso do Português, não existe tal distinção, ou seja, o quantificador *todo(s)* utiliza-se quer com nomes no singular quer com nomes no plural, sendo, no entanto, mais frequente a construção no plural (mesmo nos casos em que, em Inglês, se usa um nome no singular).

(66)

(a) Put in place security measures to remove or reduce your vulnerabilities to as low as reasonably practicable bearing in mind the need to consider safety as a priority at all times.

(b) Implemente medidas de segurança para eliminar ou reduzir ao máximo as suas vulnerabilidades, tendo em consideração a segurança como uma prioridade em todos os momentos.

(67)

(a) Anyone receiving a suspicious delivery is unlikely to know which type it is, so procedures should cater for every eventuality.

(b) Qualquer pessoa que receba uma encomenda suspeita não consegue determinar qual é o seu tipo, por isso os procedimentos devem abranger todas as situações possíveis.

6.2.1.2. Artigos

Segundo Cunha & Cintra (1984:207), “dá-se o nome de artigo às palavras *o* (com as variações *a, os, as*) e *um* (com as variações *uma, uns, umas*), que se antepõem aos substantivos para indicar:

- (a) que se trata de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte;
- (b) que se trata de um simples representante de uma dada espécie ao qual não se fez menção anterior.”

A introdução deste tema no relatório deve-se às diferenças em Inglês e em Português no que se refere aos artigos definidos.

Em primeiro lugar, o artigo definido do Inglês, *the*, é invariável em género e em número, ao contrário do que acontece em Português. Nesta última língua, os artigos definidos correspondentes a *the* são: *o, a, os, as*. Ao procedermos à tradução, é necessário verificar qual o nome que se combina com o artigo, visto que a forma deste último a escolher é determinada pelas marcas de género e número do primeiro. Vejam-se, a este propósito, os seguintes exemplos de tradução em que ocorrem os diferentes artigos definidos:

(68)

- (a) The likelihood of a CBR attack remains low.
- (b) A probabilidade de ocorrer um atentado NBQ continua a ser baixa.

(69)

- (a) The most likely targets are symbolic locations, key installations, VIPs or mass-casualty crowded places and ‘soft’ targets.
- (b) Os alvos mais prováveis são locais simbólicos, instalações centrais, lugares onde se encontram *VIPs* ou grandes aglomerados de pessoas e alvos fáceis.

(70)

(a) The same vehicle and different individuals or the same individuals in a different vehicle returning to a location(s)

(b) O mesmo veículo e indivíduos diferentes ou os mesmos indivíduos em veículos diferentes de regresso a um determinado local/locais.

(71)

(a) The following checklists are intended as a guide for stadium and arena management to assist them in identifying the hazards and risks associated with stadium counter terrorism planning.

(b) As listas de verificações que se seguem funcionam como um guia para estádios/anfiteatros, ajudando-os a identificar os perigos e os riscos associados ao planeamento antiterrorismo do estádio.

Outra diferença entre o Inglês e o Português no que diz respeito aos artigos definidos é a impossibilidade de omitir os mesmos em certos contextos do Português, embora eles possam não estar realizados no Inglês.

A questão é que os “bare nouns” (isto é, nomes sem qualquer espécie de determinação; cf. Huddleston & Pullum 2002:355)) dificilmente ocorrem em posição de sujeito em Português europeu. Por esta razão, nos exemplos (72) e (73), foi colocado o artigo definido *os* antes dos nomes *funcionários* e *responsáveis*, em posição de sujeito.

(72)

(a) Staff may be unaware of existing security measures, or may have developed habits to circumvent them. Simply reinstating good basic security practices and regularly reviewing them will bring benefits at negligible cost.

(b) Os funcionários poderão desconhecer a existência de medidas de segurança ou poderão estar habituados a contorná-las, como por exemplo, criando atalhos através das saídas de emergência. O simples restabelecimento de boas práticas de segurança básica e a respetiva avaliação regular, trar-lhe-ão benefícios a um custo insignificante.

(73)

(a) Management already have a responsibility under Health and Safety Regulations and under the Safety Certificate issued under the Safety at Sports Grounds Act 1975 and/or the Fire Safety and Safety of Places of Sport Act 1987.

(b) Os responsáveis pela gestão de riscos têm já uma responsabilidade ao abrigo dos *Health and Safety Regulations* e do Certificado de Segurança emitido ao abrigo de *Safety at Sports Grounds Act 1975* e/ou *Fire Safety and Safety of Palces of Sport Act 1987*.

Uma outra propriedade do Inglês, que o distingue do Português, é a impossibilidade de co-ocorrência de artigos definidos com determinantes possessivos.

(74)

(a) my sister

(b) *the my sister

Em Português Europeu, a omissão do artigo definido antes do possessivo é pouco frequente, limitando-se, essencialmente, a contextos formais em que o nome denota uma relação de parentesco (*meu pai, minha irmã*). Assim, na tradução do manual que é objecto deste relatório, tivemos de proceder à introdução do artigo definido antes dos determinantes possessivos:

(75)

a) Your CTSA can:

b) O seu CTSA pode:

(76)

a) your protective measures.

b) as suas medidas de segurança

6.2.2. Modificadores

6.2.2.1. Frases Relativas

De acordo com Brito & Duarte (2003:655), “As orações relativas são orações subordinadas iniciadas pelos tradicionalmente designados «pronomes», «advérbios» ou «adjectivos relativos». Na sua modalidade mais típica, as relativas são formas de modificação de uma expressão nominal antecedente; mas podem ser igualmente uma forma de modificação de uma outra oração.”. Os pronomes/advérbios/adjectivos relativos podem ter ou não um antecedente realizado e desempenham sempre uma função sintáctica nas orações a que pertencem.

Existem algumas diferenças entre as frases relativas do Português e e as do Inglês que são relevantes no contexto da tradução. Em primeiro lugar, é de assinalar o facto de diferentes pronomes relativos do Inglês (*who*, *which*, *that*), poderem ser equivalentes a uma única forma do Português (*que*), como se verifica nos exemplos (77)-(79):

(77)

(a) This guide is intended to give protective security advice to those who are responsible for stadium and arena security, irrespective of size and capacity and is not specific to any particular sport or event.

(b) O presente guia pretende oferecer conselhos de segurança e protecção para aqueles que estão responsáveis pela segurança de estádios e arenas, independentemente do tamanho e capacidade, não se restringindo a qualquer desporto ou evento particular.

(78)

(a) Managing the risk of terrorism is only one part of stadium managements' responsibility when preparing contingency plans in response to any incident occurring at a stadium which might prejudice public safety or disrupt normal operations.

(b) Deve ser preparado um plano de contingência em resposta a qualquer incidente que possa ocorrer num estádio e, que possa prejudicar a segurança pública ou perturbar o normal funcionamento do mesmo.

(79)

(a) Any extra measures that are considered should integrate wherever possible with existing security.

(b) Quaisquer outras medidas que possam ser consideradas devem sempre ser integradas nas já existentes.

Em segundo lugar, quando as relativas são preposicionadas, o Inglês pode manter a preposição na posição básica, sem que ocorra um nome à sua direita, o que não acontece em Português:

(80)

(a) The man [I talked to] is Peter's father.

(b) *O homem [que eu falei com] é o pai do Peter.

(c) O homem [com quem eu falei] é o pai do Peter.

Finalmente, é possível omitir, em certos contextos, o pronome relativo em Inglês, mas não em Português:

(81)

(a) The man [I saw] is Peter's father.

(b)* O homem [eu vi] é o pai do Peter.

(c) O homem [que eu vi] é o pai do Peter.

Embora relevantes no contexto da tradução Inglês-Português, não foram encontrados casos como (80) e (81) no manual analisado.

6.2.2. Outros modificadores

Uma das maiores dificuldades ao traduzir um texto de Inglês para Português consiste na modificação adjectival. Em Inglês, os modificadores adjectivais ocorrem tipicamente em posição pré-nominal (excepto nos casos em que o adjectivo é seguido de um complemento); em Português, por sua vez, os modificadores adjectivais podem ocupar duas posições: pré-nominal e pós-nominal, dependendo da classe a que o adjectivo pertence.

Em (82), embora o adjectivo *grande* pudesse ocupar uma posição pós-nominal em Português, optei por preservar a posição pré-nominal do Inglês. A colocação em posição pós-nominal era gramatical, mas ou obrigava a uma maior distância entre o nome e o adjectivo (*variedade de grupos grande*) ou a uma interrupção da adjacência entre o nome e o complemento (*uma variedade grande de grupos*). A colocação do adjectivo em posição pré-nominal permite manter a adjacência entre o adjectivo e o nome que o modifica, bem como entre o nome e o seu complemento.

(82)

(a) Some of the material that businesses routinely throw away could be of use to a wide variety of groups including business competitors, identity thieves, criminals and terrorists.

(b) Algum do material que, sistematicamente, é deitado fora pode vir a ser útil para uma grande variedade de grupos, incluindo empresas concorrentes, ladrões de identidade, criminosos e terroristas.

Por sua vez, em (83), como na grande maioria dos casos, optei por colocar o adjetivo (*autorizado*), em posição pós-nominal, já que se optasse por traduzir a frase mantendo a ordem de palavras do original, a mesma ficaria agramatical, tal como consta em (83c).

(83)

(a) This is an attempt at unauthorised access, almost always with malicious or criminal intent.

(b) Trata-se de uma tentativa de acesso não autorizado, quase sempre com intenções maliciosas ou criminosas.

(c) *Trata-se de uma tentativa de não autorizado acesso, quase sempre com intenções maliciosas ou criminosas.

Uma outra questão interessante no que diz respeito aos modificadores do SN em Inglês é a possibilidade da sua concatenação em posição pré-nominal, que pode conduzir a casos de ambiguidade em Português.

Relativamente a esta questão, irei apresentar casos em que existe a estrutura [ADJ N N], em Inglês, e em que o adjetivo [ADJ] e o primeiro nome são ambos modificadores do último nome. Como o adjetivo em Inglês é invariável em género e número, pode ser difícil perceber se o ADJ modifica apenas o primeiro nome ou também o segundo. Veja-se, assim, o exemplo (84):

(84)

(a) This guide is intended to give protective security advice to those who are responsible for stadium and arena security, irrespective of size and capacity and is not specific to any particular sport or event.

(b) O presente guia pretende oferecer conselhos de segurança e protecção para aqueles que estão responsáveis pela segurança de estádios e arenas, independentemente do tamanho e capacidade, não se restringindo a qualquer desporto ou evento particular.

Neste caso, o adjectivo *protective*, pode modificar o nome *security* ou o nome *advice*. Para dar a interpretação correcta (os conselhos são para protecção), alterei a estrutura do SN) transformando a expressão adjectival por uma expressão nominal (protecção), introduzida pela preposição *de*.

6.3. O pronome neutro *it*

No que diz respeito à tradução de pronomes no par de línguas Inglês-Português, vimos já na secção 5.2.1 que os mesmos podem constituir uma grande fonte de erros. Para além dos já referidos pronomes *you* e *your*, uma outra dificuldade na tradução encontra-se na forma neutra *it*, que, em Português, pode ser omitida ou substituída por um pronome (pessoal ou demonstrativo). Os exemplos (85) e (86) ilustram estas duas possibilidades de traduzir o pronome *it*:

(85)

(a) IT SHOULD BE REMEMBERED THAT THE GREATEST RISK TO ANY ORGANISATION IS COMPLACENCY.

(b) Lembre-se de que a complacência pode ser o maior risco para qualquer organização.

(86)

(a) There is little point investing in expensive equipment if the people employed to use it are themselves security risks.

(b) Não faz sentido investir em equipamento dispendioso se as pessoas encarregues de trabalhar com ele são, elas próprias, um risco em matéria de segurança.

No exemplo (85), o pronome *it* não foi traduzido para Português. Neste caso, o pronome Inglês é uma forma expletiva (sem conteúdo referencial), que, em Português padrão, corresponde a um sujeito nulo.

Por sua vez, em (86), a forma neutra foi traduzida por um pronome pessoal, caso em que foi necessário recuperar o antecedente (*equipamento dispendioso*) para se seleccionar a forma adequada em número e género (*ele*). O facto de o pronome *it* ser invariável em género e número obriga à referida recuperação do antecedente em Português.

7. A coesão referencial

Segundo Duarte (2003:111), “a coesão referencial é a propriedade de qualquer texto em que se assinale, através da utilização de formas linguísticas apropriadas, que os indivíduos designados por uma dada expressão são introduzidos pela primeira vez no texto, já foram mencionados no discurso anterior, se situam no espaço físico perceptível pelo locutor ou pelo alocutário/ouviste/leitor, existem ou não como objectos únicos na memória destes.” Assim, a coesão referencial assume um papel importante na leitura e na produção de um texto, já que permite estabelecer cadeias referenciais, constituídas por diversas expressões que remetem para o mesmo objecto /indivíduo, que asseguram a coesão do texto.

Neste capítulo, debruçar-me-ei apenas sobre uma das estratégias que usei na tradução para garantir a coesão referencial e, consequentemente, a coesão textual: a tradução por repetição.

A tradução por repetição pode ser feita através de processos como os que apresento de seguida:

(i) Tradução por repetição do antecedente

(87)

(a) There is no statutory right of search by stewards; either within sports stadia or events arena. Searching as a condition of entry relies on the willingness of the individual to participate in that search and refusal to enter should they decline. This may often lead to conflict and requires to be managed carefully by stewards. Where submission to search by stewards is a condition of entry, this will not be carried out by police officers.

(b) Não há um direito legal que permita a revista por parte dos comissários do estádio; quer seja dentro dos estádios ou nos anfiteatros. Esta revista como condição de entrada depende da vontade do indivíduo em consentir a mesma, bem como a recusa da sua. Esta questão pode muitas vezes levar a conflitos e como tal, deve ser gerida com cuidado por parte dos comissários do estádio. No caso da revista por parte dos comissários do estádio ser uma condição de entrada, a mesma não vai ser realizada por polícias.

Neste caso, a estratégia adoptada foi a de repetir o antecedente, como acontece no texto de partida. Na versão em Inglês, encontramos em três frases seguidas a palavra *steward*, ocorrências que foram traduzidas pelo seu equivalente em Português, *comissários do estádio*. Optei por não fazer substituição por um pronome, uma vez que poderia causar alguma confusão aquando a leitura da frase. Desta forma, e para manter a frase o mais clara possível, decidi repetir o antecedente, como no original.

(ii) Tradução por retoma do antecedente

(88)

a) Give advice on physical security equipment and its particular application to the methods used by terrorists; your CTSA will be able to comment on its effectiveness as a deterrent, as protection and as an aid to post-incident investigation

b) Aconselhar sobre equipamentos para segurança física e sobre a sua aplicação particular aos métodos usados pelos terroristas; *O CTSA* estará preparado para comentar a eficácia desses equipamentos como forma dissuasora e de proteção, e como apoio à investigação pós-incidente.

(89)

a) Make your systems impossible to use through ‘denial of service’ attacks. These are increasingly common, relatively simple to launch and difficult to protect against.

b) Impossibilitar a utilização dos seus sistemas através dos ataques “bloqueio de serviço” Este género de atentados é cada vez mais comum, é relativamente fácil lança-los e difícil proteger os sistemas contra tais ataques.

No exemplo (88) optei por substituir o pronome possessivo da terceira pessoa *its* por uma expressão que repete o nome *equipamentos*. Se a forma original fosse mantida no texto de chegada, o mesmo poderia tornar-se confuso ou pouco claro para o leitor, uma vez que haveria vários antecedentes possíveis para o pronome possessivo (como, por exemplo, o nome *methods*).

No exemplo (89), optei por introduzir um SN, com repetição do antecedente, porque só assim consegui eliminar a agramaticalidade da sequência do Português em que o complemento da preposição *contra*, não está realizado (*proteger os sistemas contra).

8. Conclusão

O presente relatório teve como objectivo a apresentação e análise da tradução de um manual de segurança que foi efectuada durante o estágio realizado no ISCPSI. Com a elaboração deste relatório, tentei ilustrar alguns dos problemas que podem ocorrer à medida que se vai procedendo à tradução de um texto, bem como formas possíveis de resolução dos mesmos.

A partir desta experiência pude comprovar que a tradução é um processo complexo. Para traduzir, o tradutor deve ter um bom conhecimento linguístico e cultural quer das línguas de partida quer das línguas de chegada, deve saber contornar todos os problemas de tradução que vai encontrando, deve ser um tradutor responsável, no sentido em que deve traduzir e rever algumas vezes a tradução, não confiando na primeira versão, e deve, sobretudo, ter em consideração o tempo disponível que tem para fazer uma tradução, já que “a pressa é inimiga da perfeição.”

Ainda existe o mito de que a tradução de textos técnicos deve ser feita apenas por especialistas nas áreas a que os mesmos se referem, mas cabe-nos a nós, tradutores, mostrar que essa ideia não passa disso mesmo, um mito. A tradução de textos técnicos pode ser feita por qualquer tradutor que seja consciente e responsável pelo seu trabalho; basta que, para isso, faça muita pesquisa, consulte os materiais adequados (bases terminológicas, glossários, dicionários) e que, acima de tudo, se empenhe no seu trabalho.

Em termos gerais penso ter dado uma ideia de quais as dificuldades de tradução que enfrentei, a nível lexical, sintáctico e de coesão, quando efectuei a tradução do texto a que se refere este relatório.

Para concluir, considero que o estágio foi uma excelente experiência de aprendizagem, especialmente no sentido em que pude perceber o que me espera a nível profissional na área da tradução. Além disso, através da elaboração do relatório pude debruçar-me mais sobre questões gramaticais que me eram desconhecidas e que considero de extrema importância para a realização de uma boa tradução.

Bibliografia

Andrade, Ana Rebello de (2002). A terminologia de empréstimo linguístico do português europeu. In *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do CLUP*, pp 35-40. Versão disponível em: ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7154.pdf

Baker, Mona (1992). *In other words, a coursebook on translation*. London: Routledge.

Brito, Ana Maria (2003). Categoria sintáticas. In Mateus *et al* (2003), pp. 323-432.

Brito, Ana Maria e Duarte, Inês (2003). Orações relativas e construções aparentadas. In Mateus *et al* (2003), pp. 654-793

Byrne, J. (2006). *Technical translation. Usability strategies for translating technical documentation*. Dordrecht: Springer.

Cavaco-Cruz, Luís (2012). *Manual prático e fundamental de tradução técnica*. Portugal: Várzea da Rainha Impressores.

Chesterman, Andrew (1997). *Memes of translation: The spread of ideas on translation theory*. Amsterdam: Benjamins.

Contente, M. M. D. M. (2008). *Terminocriatividade, sinonímia e equivalência interlinguística em Medicina*. Lisboa: Colibri.

Correia, Margarita (2001). Homonímia e polissemia – Contributos para a delimitação dos conceitos. In *Palavras*, nº 19. Lisboa: Associação dos Professores de Português, pp. 57-75.

Correia, Margarita (2005). Terminologia, neologia e normalização: como tratar os empréstimos neológicos. In *Terminómetro*, número especial, pp.15-20. Versão disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2005-mcorreia-terminometro1.pdf>.

Cruz, Luís (2012). *A tradução de sistemas de segurança. Relatório de estágio de Mestrado*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Cunha, Celso & Lindley Cintra (1984). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Duarte, Inês (2003). Aspectos linguísticos da organização textual. In Mateus *et al* (2003), pp. 87-178.

Duarte, Isabel Margarida (2011). Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso. In *Matraga*, 86. Versão disponível em: www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga28/arqs/matraga28a03.pdf.

Duarte, Sofia Micaela Calças (2013). *Relatório de estágio na ayr consulting: Reflexão sobre questões de tradução*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Fawcett, P. (1997). *Translation and language: Linguistic theories explained*. Manchester, Northampton: St Jerome Publishing.

Firth, J.R (1957). *Papers in linguistics, 1934-1951*. London: Oxford University.

Hernanz, M^a LLuisa e Brucart, José M^a (1987). *La sintaxis*. Barcelona: Crítica, D.L.

Huddleston, Rodney e Pullum, Geoffrey K. (2002). *The cambridge grammar of the english language*. Cambridge: Cambridge University Press.

Loureda Lamas, Óscar (2003). *Introducción a la tipologia textual*. Madrid: Arco/Libros.

Maillot, J. (1975). *A tradução científica e técnica*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.

Mateus, Maria Helena e Xavier, Maria Francisca (1992). *Dicionário de termos linguísticos*. Lisboa : Cosmos

Mateus, Maria Helena, Brito, Ana Maria, Duarte, Inês, Faria, Isabel Hub, Frota, Sónia, Matos, Gabriela, Oliveira, Fátima, Vigário, Marina e Villalva, Alina (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Newmark, Peter (1988). *A textbook of translation*. New York: Prentice Hall.

Nida, Eugene Albert (1964). *Towards a science of translation: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: Brill.

Nord, Christiane (1991). *Text analysis in translation*. Amsterdam: Rodopi.

- Oliveira, Fátima (2003). Modalidade e modo. In mateus *et al* (2003), pp 245-272.
- Pavel, S. e Nolet, D. (2002). *Manual de terminologia*. Canadá: Translation Bureau.
- Reiss, Katharina (2000). *Translation criticism – The potentials and limitations: categories and criteria for translation quality assessment*. Manchester: St. Jerome.
- Robinson, D. (2003). *Becoming a translator*. London & New York: Routledge
- Sinclair, John (1991). *Corpus concordance collocation*. Oxford: University Press.
- Sinclair, John, Fox, Gwyneth, Bullon, Stephen, Krishnamurthy, Ramesh, Manning, Elizabeth e Todd, John (orgs.) (1990). *Collins cobuild english grammar*. London: Harper Collins.
- Swan, Michael (2005). *Practical english usage*. Oxford: Oxford University Press.
- Venuti, Lawrence (2000). *The translation studies reader*. New York: Routledge.
- Zethsen, K. K. (1999), The Dogmas of Technical Translation – Are They Still Valid? In *Journal of Linguistics*, 23, Hermes, http://pure.au.dk/portal/files/9952/H23_05.pdf

Webgrafia

- Dicionário online Cambridge: <http://dictionary.cambridge.org/>
- Dicionário online Merriam Webster: <http://www.merriam-webster.com/>
- Dicionário online The free dictionary: <http://www.thefreedictionary.com/>
- Dicionário Terminológico: <http://dt.dgidec.min-edu.pt/>
- Dicionários e Enciclopédia da Porto Editora: Infopédia: <http://www.infopedia.pt/>
- IATE: <http://iate.europa.eu/>
- Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna: www.iscpsi.pt
- Linguee: <http://www.linguee.pt/>

Portal do Parlamento Europeu: www.europarl.europa.eu (acedido através do Linguee)

Dicionários

Oxford Student's Dictionary of English (2002). Oxford: Oxford

Porto: Porto Editora. Dicionário Inglês Português (2005). Porto: Porto Editora.

University Press. Dicionário da Língua Portuguesa (2003).

Anexos